

As Confissões de Jean-Jacques Rousseau

Intus et in cute.
(Do íntimo do ser)
PERSIO, Sat. III, v. 30

Prefácio e Tradução de
Wilson Lousada

SBD/FFLCH

ARTES E CIÊNCIAS

TOMBO...:39251



SBD-FFLCH-USP

COMISSÃO DE FISCOSIA
& CONTABILIDADE SOCIAL



MS: 156 2369

Título do original
LES CONFESSIONS

Direitos de reprodução
cedidos pela
JOSE OLYMPIO EDITORA S. A.

194.4
9864CP

Índice

Romance e Autobiografia (Wilson Lousada)

Primeira Parte

Livro I — (1712-1719)	13
Livro II — (1728-1731)	38
Livro III — (1728-1731)	65
Livro IV — (1731-1732)	93
Livro V — (1732-1736)	121
Livro VI — (1736)	152

Segunda Parte

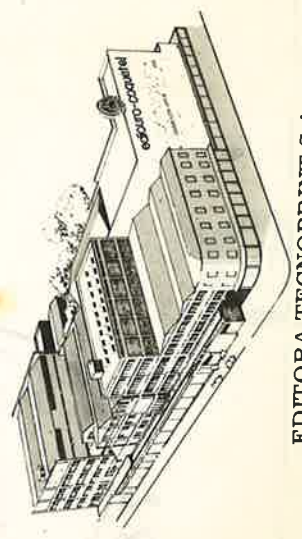
Livro VII — (1741)	185
Livro VIII — (1749)	231
Livro IX — (1756)	265
Livro X — (1758)	321
Livro XI — (1761)	356
Livro XII — (1762)	384

As nossas edições reproduzem
integralmente os textos originais

DEDALUS - Acervo - FFLCH



20900009894



EDITORA TECNOPRINT S. A.

Romance e Autobiografia

Wilson Lousada

Obra literária e documento humano, ao mesmo tempo, as Confissões de J. J. Rousseau representam o início de um novo período na literatura francesa. Embora tenham sido publicadas após a morte do autor, e suas obras anteriores já o tivessem colocado na posição que deveria ocupar, as Confissões resumem de certo modo o Rousseau escritor, romancista, filósofo e educador, e também nos dão a última chave de sua personalidade humana. Aliás, um crítico francês do século passado escreveu que Rousseau estava em cada um dos seus livros, com toda a força de um temperamento apaixonado, confessando-se no romance, na pedagogia, na sociologia, na política e na autobiografia. Mas essa confissão, acrescentava o mesmo crítico, fizera-a Rousseau como romancista em toda a sua obra: escrevendo o romance da sociologia, no Contrato Social; o romance da educação, no Emílio; o romance do sentimento, na Nova Heloísa; o romance da humanidade, no Discurso sobre a desigualdade e o romance de sua própria vida, nas Confissões. Essa interpretação, todavia, apesar do seu aspecto sugestivo, não deve ser tomada num sentido rígido e esquemático, que não se coaduna absolutamente com a personalidade de Rousseau. De resto, nada se pretende aqui uma análise geral de sua obra, a cuja exegese tobiografia, colocá-lo numa posição mais clara e objetiva diante do leitor de nossos dias, do ponto de vista da compreensão literária e humana. Entretanto, como é natural, o que diz respeito à vida do escritor, objetivamente falando, já está fixado nas páginas das Confissões. Começadas em 1764, em *Motiers*, na Suíça, elas abrangem cinquenta e dois anos da existência de Rousseau, período em que ele escreveu e publicou suas obras principais.

Nascido a 28 de junho de 1712, em Genebra; Rousseau desde a infância ficou praticamente entregue a si mesmo, à sua imaginação demasiado ardente, aos seus bons e maus sentimentos. Essa pelo menos é a conclusão que se pode tirar do livro I das Confissões, que compreende a infância e a adolescência do autor. Embora ele mesmo nos diga que sua educação fora das mais cuidadosas ("...os filhos dos reis não teriam sido cuidados com mais zelo do que eu o fui durante os meus primeiros anos, idolatrado pelos que me cercavam, e sempre, o que é muito mais raro, tratado como uma criança querida e nunca uma criança mimada"), essa impressão desaparece praticamente diante das revelações sobre os impulsos que o assaltaram nesse período crítico. Isto não quer dizer, entretanto, que Rousseau tenha sido um menino ou um adolescente dominado por certos vícios anormais. Os acontecimentos dessa fase, que ele nos conta às vezes como se fossem terríveis pecados, não são absolutamente de molde a impressionar-nos tanto quanto ele pretende, nem justificam suas expressões a respeito. ("Dei o primeiro passo, e o mais penoso, no labirinto obscuro e cheio de lodo de minhas confissões.") Mas Rousseau sempre viveu mais pela imaginação do que pela realidade, antes mesmo que o seu equilíbrio psicológico ficasse abalado. Precoce e conduzido por uma imaginação romanesca e transbordante, esse guia nunca mais o abandonou até o fim da vida, em quase todas as suas atitudes como homem. Desprovido de qualquer energia moral, dotado de exagerada sensibilidade e de uma vaidade que transparece em cada linha das suas Confissões, Rousseau fez da sua vida um autêntico romance, um romance onde ele, sem de-



Rousseau adolescente

formar inteiramente a realidade dos fatos concretos, deforma às vezes a realidade subjetiva. Aliás, é certo que a vaidade de Rousseau provinha realmente de um núcleo complexo de inferioridade, oriundo naturalmente de sua origem humilde e obscura. Suas aspirações de uma vida tranqüila e simples, que ele nos deixa entrever nas Confissões são apenas palavras destituídas de qualquer fundamento sincero: "Nada seria melhor para meu gênio, nem mais indicado para tornar-me feliz, do que a situação tranqüila e obscura dum bom artefice, principalmente em certas classes, tal como a dos gravadores em Genebra. Essa situação, muito lucrativa para dar-me subsistência fácil sem ser bastante para levar-me à fortuna, teria limitado minha ambição para o resto da vida; e deixando-me, honestamente, horas vagas para cultivar meus gostos moderados, ter-me-ia mantido em minha esfera sem oferecer-me nenhum meio de sair dela." Nada mais falso, para Rousseau, do que esses propósitos de consciente obscuridade, principalmente se levarmos em conta a época em que foram escritas tais palavras.

Ao chegar a Paris, em 1741, Rousseau trazia consigo a experiência das mais diferentes profissões que exercera: aprendiz de gravador, lacaio, seminarista, preceptor, professor de música, copista de música, etc., Sua existência, até então, limitara-se a uma vagabundagem pela Suíça, Itália e França, com um pequeno repouso em casa de Mme. de Warens, e nisso ele se assemelha bastante aos heróis dos romances picarescos, Gil Blas inclusive, como observam diversos críticos. Mas esses mesmos críticos também informam, e as Confissões parecem confirmar, que foi esse exatamente o período mais feliz da vida de Rousseau, o período que ele jamais esqueceu no decorrer de sua tormentosa existência. Nem são raras as vezes em que ele lamenta esse passado de liberdade e vagabundagem, contrapondo-o aos seus tormentos da idade madura quando a fama já o envolbera. Contudo, é certo também que a ambição de glória já o dominava por essa época, e que ele lutava por conquistar um lugar ao sol. Não evidentemente, visando o poder material ou o lucro monetário; mas visando a pura glória espiritual, aspirando uma liderança pelo pensamento filosófico e literário. Isso aliás, Rousseau mais de uma vez confessa na sua autobiografia, dentro, porém, do mesmo sentimentalismo que o fazia derramar lágrimas ardentes por momentos quase banais ou ridículos mas que, por outro lado, não impedia que ele abandonasse os próprios filhos lúcida e friamente, a um melancólico destino. De resto, as Confissões, se por um lado nos apresentam o escritor em suas grandezas ou deficiências, sendo possível através delas erguer-se a imagem do romancista, do filósofo, do educador e do político, por outro lado nos dão o melhor retrato que se poderia desejar do homem. Ambos, aliás, nos interessam profundamente, pois é certo que entre um e outro existe uma íntima relação. O J. J. Rousseau cheio de recalque e complexos, algo desequilibrado, sensual e ardente, ingênuo, sonhador e artista, de imaginação romanesca até o exagero, vaidoso e fraco, pouco sensível ao ridículo, incapaz de amar, pelo menos no sentido perfeito e completo da expressão, está visível em todos os seus livros. Está no romancista sentimental da Nova Heloisa, no educador do Emílio, no revoltado do Contrato Social e do Discurso sobre a desigualdade, no amante da natureza dos Devaneios de um passeante solitário e enfim nas Confissões. E nas Confissões, como escreveu Sainte-Beuve, é que podemos estudá-lo com todos os méritos e defeitos de seu talento. De toda a sua obra, por sinal, esse é o único livro que ainda permanece bem vivo, que ainda é lido por todas as gerações que se sucedem. O romancista está esquecido. Ninguém hoje em dia será capaz de suportar a leitura da Nova Heloisa: é um livro envelhecido,

prolixo, prejudicado pela técnica do romance epistolar, muito em voga no século XVIII. O educador, cuja influência foi realmente grande e cujas idéias foram o ponto de partida das modernas doutrinas pedagógicas, foi no entanto ultrapassado. O político e o filósofo do Contrato Social e do Discurso sobre a desigualdade, estão hoje também esquecidos. Mas o Rousseau que ainda sobrevive é incontestavelmente o das Confissões, quer o homem, quer o escritor. Este, apesar da evolução da língua, coloca-se ainda numa categoria excepcional. Sua autobiografia é um autêntico romance: quadro admirável de uma vida muito rica de acontecimentos, de emoções, de um profundo sentimento da natureza. Por outro lado, como observa Sainte-Beuve, Rousseau foi um renovador da língua francesa: "Rousseau parut: le jour où il se découvrit tout entier à lui-même, il révéla du même coup à son siècle l'écriture le plus fait pour exprimer avec nouveauté, avec vigueur, avec une logique mêlée de flamme, les idées confuses qui s'agitent et qui voulaient naître. En s'emparant de cette langue qu'il lui avait fallu conquérir et maîtriser, il la força un peu, il la marqua d'un pli qu'elle devait garder désormais; mais il lui rendit plus qu'il ne lui faisait perdre, et à bien des égards, il la rétempa et la régénéra. Depuis Jean-Jacques, c'est dans la forme de langage établie et créée par lui que nos plus grands écrivains ont jété leurs propres innovations et qu'ils ont tenté de renchéir. La pure forme du XVIII siècle, telle que nous aimons à la rappeler, n'a plus guère été qu'une antiquité gracieuse et qu'un regret pour les gens de goût."

Levando para a literatura francesa do século XVIII o amor à natureza e o predomínio do sentimento sobre a razão, ou pelo menos fazendo da sensibilidade a grande mola impulsora de sua obra, principalmente na Nova Heloisa, nas Confissões e nos Devaneios de um passeante solitário, J. J. Rousseau deixou na sua época o primeiro germe do romantismo otocentista, e de uma influência literária que seria sentida em Bernardin de Saint-Pierre, Chateaubriand e George Sand. Nas Confissões, pois, temos o homem e o escritor num mesmo plano de grandeza, ambos desconhecendo a passagem do tempo, ambos oferecendo nos uma obra-prima no gênero autobiográfico. O que possa existir de cinismo nas revelações de Rousseau, ou de inverídico pela sua imaginação romanesca, pela sua psicose, sua misantropia e seu orgulho, ainda assim não prejudica nem destrói a poderosa vitalidade dessas páginas famosas, cuja forma literária bem demonstra o excepcional narrador que ele foi, e portanto uma natureza de verdadeiro romancista.

Primeira Parte



Em sua pequena casa em Montmorency

Livro I (1712-1719)

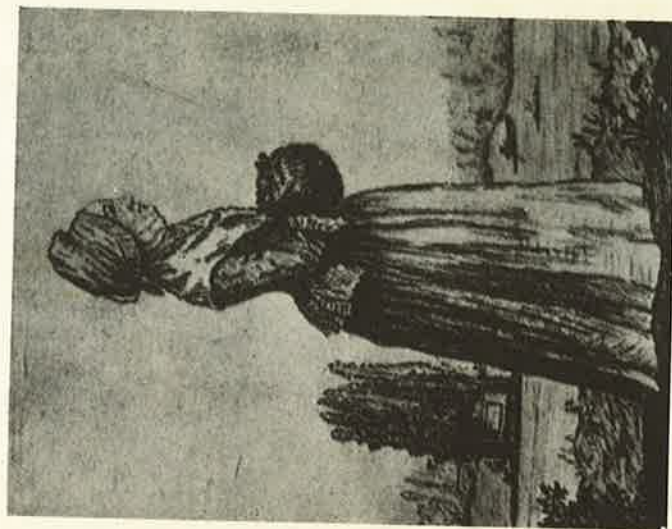
Tomou uma resolução de que jamais houve exemplo e que não terá imitador. Quero mostrar aos meus semelhantes um homem em toda a verdade de sua natureza, e esse homem serei eu.

Somente eu. Conheço meu coração e conheço os homens. Não sou da mesma massa daqueles com quem lidei; ouso crer que não sou feito como os outros. Mesmo que não tenha maior mérito, pelo menos sou diferente. Se a natureza fez bem ou mal quando quebrou a forma em que me moldou, é o que poderão julgar somente depois que me tiverem lido.

Que a trombeta do juízo final soe quando ela bem entender, eu virei, com este livro na mão, apresentar-me diante do juiz supremo. Direi resolutamente: eis o que fiz, o que pensei, o que fui. Falei com a mesma franqueza do bem e do mal. Não calei nada que fosse ruim, nada acrescente de bom; e se, por acaso, empreguei algum floreado sem interesse, não foi senão para preencher alguma lacuna devida à minha falta de memória. Fui capaz de julgar verdadeiro aquilo que eu sabia ser possível sê-lo e nunca o que eu tinha certeza de ser falso. Mostrei-me tal como fui; desprezível e vil quando assim aconteceu; bom, generoso e sublime quando assim me senti; mostrei-me intimamente tal como tu mesmo me viste, ó Eterno! Reúne ao redor de ti a inumerável multidão de meus semelhantes, que eles escutem as minhas confissões, que deplorem minhas indignidades, que enrubescam diante de minhas fraquezas. Que cada um deles, por sua vez, com a mesma sinceridade, ponha a nu o coração diante de teu trono e depois que um só te diga, se o ousar, *Fui melhor do que esse homem.*

Nasci em Genebra, em 1712, de Isaac Rousseau, cidadão, e de Suzanne Bernard, cidadã. Uma herança bem medíocre, que teve de ser partilhada entre quinze filhos, tendo reduzido a quase nada a parte de meu pai, este só contava, para nossa subsistência, com seu ofício de relojoeiro, no qual na verdade era muito hábil. Minha mãe, filha do pastor Bernard, era mais rica: era sensata e linda. Não foi sem tormentos que meu pai a obteve. Seus amores começaram quase que com suas vidas; desde a idade de oito a nove anos passeavam juntos, à tarde, na Treille; aos dez anos não podiam mais ficar separados. A simpatia, a compreensão das almas, fortalecia neles o sentimento que o hábito fizera nascer. Ambos, ternos e sensíveis por natureza, esperavam apenas o momento de encontrar em outrem a mesma disposição, ou melhor, tal momento de esperar, a eles mesmos, e cada qual entregou o coração ao primeiro que se abriu para recebê-lo. O destino, que parecia contrariar-lhes a paixão, não fez senão alimentá-la. O jovem apaixonado, não conseguindo obter sua amada, consumia-se de dor; ela aconselhou-o a que viajasse para esquecê-la. Ele viajou sem resultado, e voltou mais apaixonado do que nunca. Encontrou a amada terna e fiel. Depois dessa prova, só lhes restava amarem-se a vida inteira; assim o juraram e o céu abençoou esse juramento.

Gabriel Bernard, irmão de minha mãe, apaixonou-se por uma das irmãs de meu pai; mas esta só consentiu em desposá-lo com a condição de seu próprio irmão desposar-lhe a irmã. O amor harmonizou a situa-



Teresa Levasseur

ção e os dois casamentos foram celebrados no mesmo dia. Desse modo meu tio era o marido de minha tia e seus filhos eram duas vezes meus primos-irmãos. No fim de um ano cada casal teve um filho e em seguida houve outra separação necessária.

Meu tio Bernard era engenheiro; foi servir no Império e na Hungria às ordens do príncipe Eugénio. Distinguiu-se durante o cerco e na batalha de Belgrado. Meu pai, depois do nascimento de meu único irmão, partiu para Constantinopla, para onde fora chamado, e tornou-se relojoeiro do harém. Em sua ausência, a beleza de minha mãe, seu espírito, seus dons (1), atraíram-lhe homenagens. M. de la Closure, ministro residente de França, foi um dos mais solícitos em apresentá-las. Era preciso que tal paixão fosse bem viva para que, ao fim de trinta anos, eu o visse enternecer-se ao falar-me dela. Para defender-se, minha mãe tinha mais do que a virtude: amava ternamente o marido. Apressou-o a voltar: ele abandonou tudo e voltou. Fui o triste fruto de tal regresso. Dez meses depois nasci fraco e doentio. Meu nascimento custou a vida de minha mãe e foi a primeira de minhas infelicidades.

Não soube como meu pai suportou esta perda, mas sei que jamais se consolou. Julgava revê-la em mim, sem poder esquecer-se de que eu lhe tinha tirado; nunca me abraçou sem que eu sentisse em seus suspiros, em seus abraços convulsivos, que um amargo pesar mesclava-se às suas carícias: que eram mais temas. Quando me dizia: Jean-Jacques, falemos de tua mãe; eu lhe respondia: Pois bem! meu pai, vamos então chorar; e só esta observação arrancava-lhe lágrimas. Ah! dizia ele soluçando, devolve-me, consola-me por tal perda, enche o vazio que ela deixou em minha alma. Amar-te-ia do mesmo modo se tu fosse apenas meu filho? Quarenta anos depois de tê-la perdido, morreu nos braços da segunda esposa, mas com o nome da primeira nos lábios e sua imagem no coração.

Tais foram os autores de meus dias. De todos os dons com que o céu os dotou, um coração sensível foi o único que me deixaram: mas se isso fez sua felicidade, contribuiu para todas as desgraças de minha vida.

Nasci quase morto; poucas esperanças tinham de me salvar. Trazia comigo o germe duma enfermidade que os anos pioraram e que, agora, não me dá descanso senão para deixar-me com maior crueldade, sofrer de outro modo. Uma irmã de meu pai, moça bondosa e ajuizada, cuidou tanto de mim que conseguiu salvar-me. No momento em que escrevo estas linhas, ela ainda está viva, cuidando, com oitenta anos, de

(1) Possuía dons brilhantes demais para sua condição, porque o pastor, seu pai, que a adora, cuidara muito de sua educação. Sabia desenhar, cantava ao alalude; era linda e fazia versos passáveis. Eis um que ela fez de improviso durante a ausência do irmão e do marido, quando passeava com a cunhada e as duas crianças, sobre um comentário que alguém fez a respeito deles:

Os dois cavalheiros que estão ausentes

Nos são caros por várias razões:

São nossos amigos, nossos amados;

São nossos maridos e nossos irmãos

E os pais dessas crianças.

Ces deux Messieurs qui sont absents
Nous sont chers de bien des manières:
Ce sont nos amis, nos amants;
Ces sont nos maris et nos frères
Et les pères de ces enfants.

Observação: — As notas entre parênteses não são de Rousseau. Pertencem à edição da Librairie Firmin-Didot et Cie. (1879).

um marido mais moço do que ela, mas gasto pela bebida. Boa tia, eu vos perdoo por me terdes feito viver e aflijto-me por não poder pagá-vos no fim de vossa vida os termos cuidados que me prodigalizastes no começo da minha!(1) Tenho também a minha ama Jacqueline ainda viva, sã e robusta. As mãos que me abriram os olhos ao nascer poderão fechar-mos quando morrer.

Senti antes de pensar; é o destino da humanidade, Mais do que qualquer outro eu o experimentei. Ignoro o que fiz até os cinco ou seis anos. Não sei como aprendi a ler; lembro-me somente das minhas primeiras leituras e do efeito que me produziram: é o tempo de onde começo a contar sem interrupção a consciência de mim mesmo. Minha mãe tinha deixado romances; pusemo-nos a lê-los de pois da ceia, meu pai e eu. A princípio não se tratava senão de me exercitar na leitura por meio de livros que divertissem; em breve, porém, o interesse tornou-se tão vivo que fomos alternadamente, sem interrupção, e passávamos noites assim ocupados. Não podíamos abandonar a leitura senão no fim do volume. Algumas vezes meu pai, ouvindo as madrugadoras andorinhas, dizia muito envergonhado: Vamos nos deitar; sou mais criança do que tu.

Em pouco tempo adquiri, com este método perigoso, não só uma enorme facilidade de ler e de me dar a entender, como, para a minha idade, uma compreensão extraordinária das paixões. Não formava nenhuma idéia sobre as coisas, e já todos os sentimentos me eram conhecidos. Nada tinha concebido, tudo havia sentido. Essas emoções confusas que experimentei seguidamente não alteraram o raciocínio que eu ainda não tinha; porém formaram-me de uma outra ténpera e me deram noções bizarras e romanescas sobre a vida humana, noções das quais nem a experiência nem a reflexão conseguiram jamais curar-me perfeitamente.

(1719-1723) Os romances terminaram com o verão de 1719. O inverno que se seguiu foi diferente. Esgotada a biblioteca de minha mãe, recorreu-se à de meu avô, que nos tinha caído nas mãos. Felizmente ali se encontravam bons livros; e não podia ser de outro modo, pois a biblioteca tinha sido na verdade organizada por um pastor, um sábio, até, como era moda então, mas homem de gosto e inteligente. A História da Igreja e o Império por le Sueur, o Discurso de Bossuet sobre a história universal, os Varões Ilustres de Plutarco, a História de Veneza por Nani, as Metamorfoses de Ovídio, la Bruyère, os Mundos de Fontenelle, seus Diálogos dos mortos, e alguns volumes do Molière, foram levados para a sala de trabalho de meu pai e eu os lia para ele todos os dias, enquanto trabalhava. Adquiri um gosto apurado e talvez único naquela idade. Minha leitura favorita foi Plutarco principalmente. O prazer que sentia em lê-lo constantemente curou-me um pouco dos romances e, em breve, eu preferi Agésilas, Brutus, Aristides a Orondate, Artamère e Juba. Dessas interessantes leituras, das conversas que motivavam entre mim e meu pai, formou-se este espírito livre e republicano, este caráter indomável e altivo, não suportando o jugo e a servidão, que me atormentou durante toda a vida em situações as menos indicadas para dar-lhe asas. Constantemente ocupado com Roma e Atenas, vivendo, por assim dizer, com os seus grandes homens, eu mesmo cidadão duma república e filho dum pai cujo amor à pátria era sua paixão mais forte, inflamava-me seguindo seu exemplo, cria-me grego ou ro-

(1) Essa tia chamava-se madame Gonceru. Em março de 1767, Rousseau deu-lhe uma renda de 100 libras e, mesmo por ocasião de suas maiores dificuldades financeiras, pagou-lhe sempre com exatidão rélgiosa.)

mano; imaginava-me o personagem cuja vida lia; a descrição de consciência e intrepidez, traços que me tinham impressionado, tornavam meus olhos brilhantes e minha voz forte. Certo dia em que contava à mesa a aventura de Scévola, ficaram recetosos quando me viram avançar a mão e conservá-la sobre uma estufa para imitar a ação do herói.

Tinha um irmão mais velho do que eu sete anos. Aprendia o ofício de meu pai. A afeição extrema que sentiam por mim fazia com que o negligenciassem e não é isso coisa que eu aprove. Sua educação ressentiu-se de tal negligência. Enveredou pela libertinagem, antes mesmo de atingir a idade de ser verdadeiro libertino. Puseram-no em casa de outro patrão, de onde escapula como tinha feito na casa paterna. Quase não o via, mal posso dizer que o conheci; porém não deixava de amá-lo ternamente e ele me amava tanto quanto um maroto pode amar alguma coisa. Lembrou-me de que uma vez em que meu pai o castigava rudemente e encolerizado, num ímpeto, lancei-me entre eles, abraçando-o apertadamente. Cobri-o desse modo com meu corpo, recebendo os golpes que lhe eram destinados; e mantive tão teimosamente esta attitude que foi preciso, por fim, que meu pai o perdoasse, ou abrandado por meus gritos e minhas lágrimas, ou para não me maltratar mais do que a ele. Por fim meu irmão tornou-se tão mau que fugiu e desapareceu completamente. Tempos depois soubemos que estava na Alemanha. Não escreveu uma única vez. Desde então não tivemos mais notícias dele; e eis como me tornei filho único.

Se o pobre rapaz foi educado negligentemente, o mesmo não se deu com o irmão; e os filhos dos reis não teriam sido cuidados com mais zelo do que eu o fui durante os meus primeiros anos, idolatrado pelos que me cercavam, e sempre, o que é muito mais raro, tratado como uma criança querida e nunca uma criança mimada. Jamais, nem uma só vez, até sair da casa paterna, deixaram-me correr às soltas pela rua com as outras crianças; jamais tiveram que refrear-me ou satisfazer algum daqueles caprichos fantásticos que são imputados à natureza e que nascem, todos, tão somente da educação. Tinha os defeitos da idade; era tagarela, guloso e mentiroso algumas vezes. Tera roubado frutas, bombons, gulodices; porém nunca achei prazer em praticar o mal, em destruir, em culpar os outros, em atormentar os pobres animais. E no entanto lembrou-me de ter urinado, certa vez, na panela duma de nossas vizinhas, chamada madame Clot, enquanto ela estava nas prédicas. Confesso até que esta lembrança me faz rir ainda, porque madame Clot, boa mulher afinal, era na verdade a velha mais rabugenta que conheci. Eis a história curta e verídica de todos os meus defeitos como criança.

Por que teria ficado mau quando não tinha senão exemplos de doçura e ao redor de mim as melhores pessoas do mundo? Meu pai, minha tia, minha ama, meus parentes, nossos amigos, nossos vizinhos, todos os que me cercavam não se deixavam dominar por mim, é verdade, mas amavam-me; e eu os amava da mesma forma. Minhas vontades eram tão poucas, e tão raramente contrariadas, que nem me vinha à cabeça tê-las. Posso jurar que, até ter ido servir às ordens dum patrão, não soube o que era um capricho. Fora do tempo que passava a ler ou escrever perto de meu pai, e daquele em que minha ama me levava a passear, eu estava sempre com minha tia, vendo-a bordar, ouvindo-a cantar, de pé ou sentado ao lado dela; e satisfazia-me com isso. Sua jovialidade, sua doçura, sua presença agradável deixaram-me impressões tão fortes que ainda vejo seu semblante, seu olhar e gestos: lembrou-me de suas palavras carinhosas; direi como estava vestida e penteada, sem esquecer os dois caracóis que seus cabelos negros faziam na altura das temporas, segundo a moda de então.

Estou convencido de que a ela devo o gosto ou melhor, a paixão pela música que somente muito depois se desenvolveu em mim. Sabia uma quantidade prodigiosa de árias e canções que cantava com um fiozinho de voz muito suave. A serenidade d'alma dessa excelente moça dela afastava, bem como de tudo o que a cercava, os devaneios e as tristezas. A atração que seu canto exercia em mim foi tal que não somente sempre conservei na memória várias de suas canções, como me acontece mesmo, hoje que a perdi, que várias delas, totalmente esquecidas desde a infância, vão voltando à lembrança à medida que envenho com um encanto que não consigo exprimir. Acreditaria que eu, velho caduco, consumido pelas preocupações e pelos trabalhos, me surpreendo algumas vezes a chorar, como uma criança, cantarolando essas pequenas árias com uma voz já trêmula e cansada? Há uma, principalmente, que me vem completa quanto à música, mas a segunda metade da letra tem se recusado constantemente a todos os meus esforços para lembrá-la, embora conserve as rimas confusamente. Eis o começo e tudo o de que consigo lembrar-me da parte final:

Tircis, je n'ose
Écouter ton chalumneau
Sous l'ormeau;
Car on en cause
Déjà dans notre hameau
un berger
s'engager
sans danger;
Et toujours l'épine est
um pastor
a prender-se
sem perigo;
E não há rosa sem
[espinho. (1)]

Procuo onde reside o encanto melancólico que meu coração encontra nesse canto: é uma fantasia que não compreendo, mas é-me impossível de todo cantá-lo até o fim sem ser obrigado a parar devido às lágrimas. Cem vezes já planejei escrever a Paris para encontrar o resto da letra, se é que alguém ainda a sabe. Porém tenho quase a certeza de que o prazer que encontro em relembrar tal canção diminuirá em parte se eu tiver a prova de que outras pessoas, além da minha pobre tia Suson, a cantaram.

Foram essas as primeiras afeições quando de minha entrada na vida: desse modo começava a formar-se ou a surgir em mim este coração tão altivo e ao mesmo tempo tão terno, este caráter afinado e no entanto indomável que, vacilando sempre entre a fraqueza e a coragem, entre a preguiça e a virtude, põs-me até o fim em contradição comigo mesmo e fez com que a abstinência e o gozo, o prazer e a prudência, igualmente me tenham escapado.

O rumo dessa educação foi interrompido por um acidente cujas consequências influriram sobre o resto de minha vida. Meu pai teve uma

(1) Essa canção, muito conhecida em Paris, é ainda cantada pela classe operária.

Tircis, j. n'ose
Écouter ton chalumneau
Sous l'ormeau;
Car on en cause
Déjà dans notre hameau,
Un couer s'expose
A trop s'engager
Avec un berger,
Et toujours est sous la rose.

Tircis, eu não ouse
 Escutar tua flauta
 Sob o pequeno olmo;
 Pois já falam
 Em nossa aldeia,
 Um coração se expõe
 A prender-se demais
 A um pastor,
 E não há rosa sem espinho.

contenda com um certo M. Gautier, capitão de França e aparentado com alguém do concelho. Esse Gautier, sujeito insolente e covarde, ficou com o nariz sangrando e, para vingar-se, acusou meu pai de ter empunhado a espada na cidade. Meu pai, a quem quiseram prender, teimava em pretender que, segundo a lei, o acusador também fosse para a prisão com ele, não conseguindo isso, preferiu sair de Genebra e expatriar-se para o resto da vida a ceder num ponto em que julgava comprometidas a honra e a liberdade.

Fiquei sob a tutela de meu tio Bernard, então trabalhando nas fortificações de Genebra. Sua filha mais velha tinha morrido, porém ele tinha um filho da minha idade. Fomos postos, juntos, em Bossey, como pensionistas em casa do ministro Lambercier, para ali aprender, com o latim, aquele conjunto de coisas confusas, que o acompanham, sob o nome de educação.

Dois anos passados na aldeia abrandaram um pouco minha severidade romana e me fizeram voltar à infância. Em Genebra, onde nada me impunham, amava o estudo e a leitura; eram quase que todo o meu divertimento; em Bossey, o trabalho me fez gostar dos folguedos que lhe serviam de repouso. O campo era coisa tão nova para mim que não podia deixar de gozá-lo. Tomei por ele um amor tão forte que nunca pude extinguir-se. A lembrança dos dias felizes que ali passei fez com que tivesse saudades daquela estadia e de seus prazeres, em todas as idades, até aquela que para lá me levou novamente. M. Lambercier era um homem muito judicioso que, sem negligenciar nossa instrução, não nos sobrearregava com deveres. A prova de que tinha boa compreensão é que, apesar de minha aversão aos trabalhos, nunca me lembrei com desgosto de minhas horas de estudo e que, se não aprendi muito com ele pelo menos o que aprendi foi sem enfiado e nada esqueci.

A simplicidade da vida campestre me fez um bem inestimável ao abrir meu coração à amizade. Até então não tinha conhecido senão sentimentos elevados, mas imaginários. O hábito de vivermos juntos e em perfeita calma uniu-me ternamente a meu primo Bernard. Dentro de pouco tempo nutri por ele sentimentos mais afetuosos do que os que tinha sentido por meu irmão e que jamais se apagaram. Era um rapaz muito magro, muito débil, de espírito tão doce quanto era fraco de corpo e que não abusava muito da predileção que tinham por ele na casa, como filho de meu tutor. Nossos trabalhos, nossos divertimentos, nossos gostos eram os mesmos: estávamos sós, éramos da mesma idade e cada um de nós tinha necessidade dum companheiro: separar-nos seria, de certo modo, aniquilar-nos. Embora tivéssemos poucas ocasiões de dar provas de nosso apego mútuo, ele era muito forte, e não somente não podíamos viver um instante separados, como nem imaginávamos que pudéssemos viver afastados um dia. Ambos com um espírito que facilmente cedia às carícias, amáveis quando não queriam violentar-nos, estávamos sempre de acordo em tudo. Se, por proteção dos que nos educavam, ele tinha sobre mim algum ascendente em sua presença, quando estávamos sós eu o tinha sobre ele o que restabelecia o equilíbrio. Em nossos estudos, soprava-lhe a lição quando hesitava; depois que meu tema estava feito, eu o ajudava a fazer o seu e, em nossas diversões, meu gosto mais marcante sempre lhe servia de guia. Enfim nossos gênios concordavam de tal modo e a amizade que nos unia era tão verdadeira que, em mais de cinco anos em que vivemos inseparáveis, tanto em Bossey como em Genebra brigávamos constantemente, confesso, porém nunca houve necessidade de nos separar, já mais uma de nossas disputas durou mais de um quarto de hora e nunca, nem uma só vez, fizemos um contra o outro qualquer acusação.

Essas observações são, se assim o querem, pueris, porém são um exemplo talvez único desde que existem as crianças.

Meu modo de viver em Bossey me agradava tanto que só lhe faltou o ter durado mais tempo para que meu caráter ficasse completamente moldado. Sentimentos ternos, afetuosos e calmos eram os fundamentais. Julgo que nunca houve outro indivíduo de nossa espécie naturalmente menos vaidoso que eu. Por impulsos de coração tinha movimentos sublimes porém imediatamente recaía em meu langor. Ser amado por tudo o que de mim se aproximava era o mais ardente dos meus desejos. Eu era meigo, meu primo também o era; aqueles que nos educavam também eram. Durante dois anos inteiros não testemunihei nem fui vítima dum sentimento violento. Tudo contribuía para nutrir em meu coração as disposições⁽¹⁾ com que a natureza o tinha dotado. Não conhecia nada mais encantador do que ver todo o mundo contente comigo e por tudo. Lembrar-me-ei sempre que, na igreja, respondendo ao catecismo, nada me perturbava mais, quando me acontecia hesitar, do que ver no rosto de mademoiselle Lambercier sinais de inquietação e de pena. Só isso me afligia mais do que a vergonha de incorrer nalguma falta em público, o que me afetava extremamente no entanto: pois que, embora pouco sensível aos elogios, sempre o fui muito mais à vergonha; e posso dizer aqui que o receio das reprimendas de mademoiselle Lambercier me dava menos susto do que o medo de enristecê-la.

No entanto não lhe faltava a severidade precisa, tão pouco ao irmão; porém como essa severidade, quase sempre justa, nunca era arrebatada, eu me afligia e não me rebelava nunca. Ficava mais aborrecido por tê-la desgostado do que por ser castigado, e um sinal de descontentamento me era mais cruel do que uma punição aflitiva. Custa-me explicar-me melhor, e no entanto é preciso. Como não mudaríamos métodos de lidar com a juventude se se vissem os efeitos posteriores daqueles que ora empregam, sempre indistintamente e sempre imprudentemente! A grande lição que se pode tirar dum exemplo tão comum quanto funesto, fez com que me resolvesse a dá-la.

Como mademoiselle Lambercier tinha para conosco a afeição de uma mãe, usava autoridade correspondente, e levava-a algumas vezes até o ponto de infligir-nos o castigo das crianças quando o merecíamos. Havia muito que se limitava à ameaça e tal ameaça dum punição completamente nova para mim parecia-me horrível; contudo, depois de sua execução, achei-a menos terrível do que a expectativa: e o que há de mais estranho é que tal castigo aumentou o afeto que sentia por aquela que mo impusera. Era até mesmo preciso que tal afeição fosse bem sincera e que eu fosse naturalmente bondoso para impedir-me de procurar receber o mesmo tratamento fazendo por merecê-lo; pois havia encontrado na dor, na própria vergonha, uma espécie de sensualidade que me tinha deixado mais desejo do que receio de experimentá-lo de novo pela mesma mão. É verdade que, como a isso se misturava, sem dúvida, qualquer instinto precoce do sexo, o mesmo castigo recebido do irmão não me pareceria nada agradável. Mas, com o temperamento que ele tinha, tal substituição não era para receiar: se me abstinha de merecer a correção, era unicamente com medo de aborrecer mademoiselle Lambercier; porque em mim é tal a força da benevolência e mesmo a daquela que os sentidos fazem nascer, que foi sempre ela quem ditou a lei em meu coração.

Tal reincidência, que afastei de mim sem receio, sucedeu sem que

1) As inclinações.

fosse por minha culpa, isto é, sem ser por minha vontade, e dela me aproveitei, posso dizê-lo, com a consciência tranqüila. Porém esta segunda vez foi também a última; pois mademoiselle Lambercier, tendo percebido por qualquer sinal que o castigo não preenchia suas finalidades, declarou que renunciava a ele porque a fatigava muito. Até então tínhamos dormido em seu quarto e mesmo em sua cama, durante o inverno. Dois dias depois fizeram-nos dormir noutro quarto e desde aí tive a honra, que eu bem dispensava, de ser tratado por ela como um rapazote.

Quem julgaria que aquele castigo de criança recebido aos oito anos pela mão de uma moça de trinta, tivesse influência sobre meus gostos, meus desejos, minhas paixões e sobre minha pessoa para o resto da vida e isso precisamente em sentido contrário ao que se devia esperar? Ao mesmo tempo em que meus sentidos despertaram, meus desejos aceitaram tão bem a mudança que, limitados ao que eu tinha experimentado, não cuidaram de procurar outra coisa. Com um sangue que ardia em sensualidade quase que desde o nascimento, conservei-me puro de toda mácula até a idade em que os temperamentos mais frios e mais tardios se desenvolvem. Durante muito tempo atormentado sem saber por que devorava com olhos ardentes as beldades, minha imaginação recordava-as sem cessar, unicamente para usa-las à minha moda e delas fazer outras tantas mademoiselles Lambercier.

Mesmo depois da idade núbil, esse prazer esquisito, sempre persistente e levado até à depravação, até à loucura, conservou meus costumes decentes quando tudo indicava que ele nos devia tirar. Se já houve educação modesta e casta, foi seguramente a que recebi. Minhas três tias não eram somente pessoas duma exemplar discrição, como também de uma reserva que há muito as mulheres não conhecem mais. Meu pai, homem dado a prazeres, mas galante à moda antiga, nunca manteve, para com as mulheres a quem mais amava, conversas de que uma virgem pudesse corar; e nunca o respeito que se deve às crianças foi levado mais longe do que em minha família e diante de mim. Não foi diferente a atenção que mereci sobre o mesmo assunto em casa de M. Lambercier; e uma criada, muito boa até, foi despedida por causa de uma palavra um pouco livre que disse diante de nós. Não só não tive, até a adolescência, conhecimento distinto a respeito da união dos sexos, como nunca tal idéia confusa se ofereceu a mim a não ser sob uma imagem odiosa e repugnante. Sentia pelas mulheres públicas um horror que nunca desapareceu: não podia ver um dissoluto sem desprezo, sem pavor mesmo; pois minha aversão pela devassidão ia até esse ponto, desde que indo um dia ao pequeno Saconex por um caminho escavado, vi, de ambos os lados, cavidades na terra, onde me disseram que aquela gente se unia carnalmente. O que tinha visto sobre o acasalamento dos cães voltava-me sempre à lembrança quando pensava nos outros e o coração se indignava.

Esses preconceitos de educação, por si mesmos indicados para retardarem as primeiras explosões dum temperamento ardente, foram ajudados, como disse, pelo desvio que me causaram as primeiras manifestações de sensualidade. Não compreendendo o que eu tinha sentido, apesar de ardores sanguíneos muito incômodos, não sabia dirigir meus desejos senão para a espécie de voluptuosidade que me era conhecida, sem ir jamais até a que me tinham tornado odiosa e que era da mesma essência da outra sem que eu tivesse a mínima desconfiança. Em minhas tolas fantasias, em meus furros eróticos, nos atos extravagantes aos quais me levavam algumas vezes, pedia imaginariamente o socorro do outro sexo, sem jamais pensar que ele pudesse servir para outro fim

diferente daquele que eu ardia por obter dele.

Portanto foi assim somente que, com um temperamento muito ardente, muito lascivo, muito precoce, passei, todavia, pela puberdade sem desejar, sem conhecer prazeres diferentes daqueles de que mademoiselle Lambercier, muito inocentemente, me tinha dado idéias; mas, quando enfim o decorrer dos anos me fez homem, foi ainda aquilo que devia perder-me, que me preservou. Meu antigo prazer infantil, em vez de desaparecer, associou-se de tal modo ao outro que jamais pude afastá-lo dos desejos despertados por meus sentidos; e esta extravagância, junto à minha natural timidez, sempre me tornou muito pouco ou pouco para com as mulheres, por falta de coragem em dizer tudo ou de poder fazer tudo, a espécie de gozo do qual o outro não era para mim senão o último termo, não podendo ser usurpado senão por aquele que o desejava, nem adivinhado por aquela que pudesse concedê-lo. Desse modo passei minha vida a desejar e a calar junto das pessoas que eu mais amava. Não ousando nunca confessar minha vontade, entreteinha-a pelo menos com relações que a mantinham viva. Estar aos pés duma amante impertinosa, obedecer a suas ordens, ter que lhe pedir perdão, eram para mim prazeres bem doces; e quanto mais minha imaginação viva me inflamava o sangue, mais tinha eu o ar dum amante tímido. Percebem que tal maneira de amar não leva a progressos rápidos e não é muito perigosa para a virtude daquelas que são o objeto dela. Portanto muito poucas vezes possuí, mas não deixei de ter meus prazeres à minha maneira, isto é, com a imaginação. Eis como os meus sentidos, de acordo com meu feito tímido e meu espírito romanesco, conservaram em mim sentimentos puros e hábitos decentes, devido aos mesmos gostos que, talvez com um pouco mais de ousadia, me teriam mergulhado nas voluptuosidades mais brutais.

Dei o primeiro passo, e o mais penoso, no labirinto obscuro e cheio de lodo de minhas confissões. Não é a parte criminosa a que mais custa a ser dita, e sim a que é ridícula e vergonhosa. Desde agora estou mais seguro de mim; depois do que acabo de ter a ousadia de dizer, nada mais pode fazer-me parar. Podem calcular o que me custaram tais confissões, a respeito daquilo que, em todo o decorrer de minha vida, arrebatado algumas vezes quando junto àquelas que eu amava com os furros duma paixão que me tirava a faculdade de ver, de ouvir, fora de mim e presa dum tremor convulsivo em todo o corpo, jamais pude tomar a iniciativa de declarar-lhes minha loucura, e implorar-lhes, durante a maior familiaridade, o único favor que lhes faltava conceder-me. Isso só me aconteceu uma vez, na infância, com uma criança da minha idade, e ainda assim foi ela quem fez a primeira proposta.

Voltando dessa maneira às primeiras impressões de meu ser sensível, encontro elementos que, parecendo às vezes incompatíveis, não deixaram de unir-se para produzir com força um efeito uniforme e simples; e outros encontros que, iguais na aparência, formaram, com o curso de certas circunstâncias, combinações tão diferentes que nunca se poderia imaginar terem elas qualquer relação entre si. Quem acreditaria, por exemplo, que um dos mais vigorosos impulsos de minha alma foi bebido na mesma fonte donde a luxúria e a preguiça vieram para meu sangue? Sem abandonar o assunto do qual acabo de falar, dele verá o nascer uma impressão bem diferente.

Um dia estava estudando, sozinho, no quarto confíguo à cozinha. A criada tinha posto para secar, sobre a tampa da lareira, as travessas de mademoiselle Lambercier. Quando voltou para apanhá-las, achou uma com todos os dentes quebrados de um lado. A quem culpar por tal estrago? ninguém mais a não ser eu tinha entrado no quarto.

Interrogam-me: nego ter tocado na travessa. M. e mademoiselle Lambercier se reúnem, admoestam-me, instam comigo, ameaçam-me: persisto em minha obstinação; porém a certeza era forte demais, ela destrói todos os meus protestos, embora tenha sido esta a primeira vez em que descobriam em mim tanta audácia para mentir. A coisa foi levada a sério; merecia sê-lo. A malvadeza, a mentira, a teimosia, pareceram igualmente dignas de punição; porém, quanto ao castigo, não foi por mademoiselle Lambercier que ele me foi infligido. Escreveram a meu tio Bernard: ele veio. O meu pobre primo era acusado de um outro delito não menos grave; fomos reunidos no mesmo castigo. A punição foi terrível. Quando, procurando remédio no próprio mal, quisessem extinguir para sempre meus sentidos corrompidos, não teriam podido escolher melhor. Também esses me deixaram em repouso por muito tempo. Não conseguiram arrancar-me a confissão que exigiam. Várias vezes interrogado e reduzido ao mais lamentável estado, fui inabalável. Teria suportado a morte, e a isso estava resolvido. Foi preciso até que a força cedesse diante da teimosia diabólica duma criança: pois não era outro o nome que davam à minha constância. Finalmente saí dessa prova cruel muito maltratado, mas triunfante.

Hoje faz quase cinquenta anos dessa aventura e não tenho medo de ser novamente punido pela mesma ação: pois bem! declaro diante do céu que estava inocente, que não tinha quebrado nem tocado na travessa, que não me aproximara da tampa da lareira e que nem tinha pensado em fazê-lo. Não me perguntem como se deu aquele desastre, ignoro-o e não posso compreendê-lo; o que sei com muita certeza é que estava inocente.

Imaginem um caráter tímido e dócil na vida comum, porém ardente, altivo, indomável quando dominado pelas paixões; uma criança sempre governada pela voz da razão, sempre tratada com doçura, equidade, complacência, que nem mesmo tinha a idéia de injustiça e que pela primeira vez experimenta uma assim tão terrível da parte, precisamente, das pessoas a quem mais quer e a quem mais respeita: que mudança de idéias! que desordem de sentimentos! que confusão no coração, no cérebro, em todo seu pequenino ser inteligente e de bons costumes! Aconselho a que imaginem isso tudo, se é possível; porque quanto a mim não me sinto capaz de deslindar, de seguir o menor traço do que se passou então em mim.

Não tinha ainda raciocínio suficiente para sentir como as aparências me condenavam e para pôr-me no lugar dos outros. Mantinha-me no meu e tudo o que eu sentia era o rigor do castigo pavoroso para um crime que eu não tinha cometido. A dor no corpo, embora viva; pouco me magoava; sentia somente indignação, raiva, desespero. Meu primo, num caso quase que semelhante e a quem tinham punido por uma falta involuntária como se fosse um ato premeditado, enturecia-se como eu, e mostrava-se de pleno acordo comigo. Ambos no mesmo leito, abraçávamo-nos em transportes convulsivos, sufocávamos; e quando nossos jovens corações um pouco aliviados podiam exalar a cólera, erguimo-nos da cama e punhamo-nos a gritar com toda a força umas cem vezes: *carnifex! carnifex! carnifex!*

Ao escrever isso sinto que meu pulso se acelera ainda: tais momentos sempre me estarão presentes, mesmo que eu viva cem mil anos. Essa primeira sensação de violência e de injustiça ficou tão profundamente gravada em minha alma que todas as idéias que a ela se ligam restituem-me minha primeira emoção; e tal sensação, que se relaciona comigo em sua origem, tomou em si mesma tal consistência, e separou-se de tal modo de todo interesse pessoal, que meu coração se in-

flama diante da narrativa ou testemunho de qualquer ação injusta, seja quem for o objeto e qualquer o lugar em que seja cometida, como se o efeito recaísse em mim. Quando leio as crueldades de um feroz tirano, as perversidades sutis duma velhacaria de padre, partira de boa vontade para ir apunhalar esses miseráveis, mesmo que fosse para lá morrer cem vezes. Frequentemente sui em bica perseguindo, a correr ou com pedradas, um galo, uma vaca, um cão, um animal que via a atormentar outro, unicamente porque se sentia mais forte. Tal impulso pode ser natural em mim, e creio que o é; todavia a recordação profunda da primeira injustiça que sofri ficou-lhe ligada por tanto tempo e com tanta força que não podia deixar de tê-lo reforçado bastante.

Terminou aí a serenidade de minha vida infantil. Desde aquele momento, deixei de gozar a verdadeira felicidade e hoje mesmo sinto que a recordação dos encantos de minha infância terminam ali. Ficamos em Bossey ainda uns meses mais. Lá ficamos como nos representam o primeiro homem ainda no paraíso terrestre, porém tendo cessado de gozá-lo: aparentemente a situação era a mesma e, na verdade, completamente diferente. O apego o respeito, a intimidade, a confiança, não mais ligavam os alunos aos mestres; não mais os olhávamos como deuses que liam em nossos corações: tínhamos menos vergonha de agir mal e mais receio de sermos acusados: começávamos a esconder-nos, a amotinar-nos, a mentir. Todos os vícios de nossa idade corrompiam nossa inocência e desfiguravam nossos folguedos. O próprio campo perdeu a nossos olhos aquele encanto doce e simples que fala ao coração: parecia-nos deserto e sombrio; ele se tinha coberto por um véu que nos escondia suas belezas. Abandonamos o cultivo de nossos pequenos jardins, nossas plantas, nossas flores. Não mais fomos esgravatar a terra ligeiramente e gritar de alegria ao descobrir o embrião da semente que tínhamos semeado. Aborrecemo-nos daquela vida; aborreceram-se de nós; meu tio nos tirou dali e nós nos separamos de M. e de mademoiselle Lambercier, fartos uns dos outros e pouco lamentando separar-nos.

Quase trinta anos se passaram desde que saí de Bossey, e me recordo da estada duma maneira agradável para as lembranças um pouco ligadas a ela: contudo, desde que, tendo passado a idade madura, declino para a velhice, sinto que essas mesmas recordações renascem enquanto as outras se apagam; e se gravam em minha memória com traços cujo encanto e força aumentam de dia para dia; como se, sentindo já que a vida se escapa, eu procurasse pegá-la de novo pelo começo. Os menores fatos daquele tempo agradam-me somente porque são das primeiras horas. Vejo a criada ou o empregado andando pelo quarto, uma andorinha entrando pela janela, uma mosca pousando em minha mão enquanto eu dava a lição; vejo toda a arrumação do quarto onde estivemos; o gabinete de M. Lambercier à direita, uma estampa com o retrato de todos os papas, um barômetro, um grande calendário, pés de fambreza que, dum jardim muito alto, no qual a casa se enterrava pela parte de trás, vinham sombrear a janela e passavam algumas vezes até para dentro. Bem sei que o leitor não tem grande necessidade de saber tudo isso, porém eu tenho necessidade de contar-lhe. Porque não ousar narrar-lhe também todas as pequenas anedotas daquela idade feliz, anedotas que ainda me fazem exultar quando daquela idade feliz, anedotas que ainda me fazem exultar quando delas me lembro! cinco ou seis principalmente... Transjamos. Pouco cinco ao leitor; mas faço questão de uma, uma só, contanto que me deixe contá-la o mais longamente possível, para prolongar o prazer.

Se eu só procurasse o seu, leitor, poderia escolher a do traseiro de mademoiselle Lambercier, que, por uma feliz cambalhota no Prado, ficou exposto em cheio diante do rei de Sardenha, quando de sua passagem; porém a da noqueira do terraço é mais divertida para mim, que fui o autor, ao passo que não passei de espectador do episódio da cambalhota; e confesso que não encontrei o menor motivo de riso num acidente que, embora comico em si, penalizava-me por causa duma pessoa que eu amava como uma mãe e talvez ainda mais.

O vós, leitores curiosos da; grande história da noqueira do terraço, escutai a horrível tragédia e deixai de estremecer se puderdes!

Havia, do lado de fora da porta do pátio, um terraço à esquerda de quem entrasse, no qual iamos sentar-nos frequentemente à tarde, porém onde quase não havia sombra. Para proporcionar-lá, M. Lambercier fez plantar ali perto uma noqueira. A plantação dessa árvore se fez com solenidade: os dois pensionistas foram os padrinhos; e enquanto enchiam a cova feita, mantínhamos a árvore ereta entoando cânticos de triunfo. Para regá-la, fizeram uma espécie de bacia ao redor do pé. Todos os dias, espectadores ardentes da rega, muito naturalmente vencemo-nos, meu primo e eu, que seria mais belo plantarmos uma árvore no terraço do que espetarmos uma bandeira num bastião e resolvemos conquistar essa glória sem partilhá-la com quem quer que fosse.

Para tal fim fomos cortar um galho de salgueiro e o plantamos no terraço, a oito ou dez pés da augusta noqueira. Também não nos esquecemos de fazer uma bacia ao redor de nossa árvore: a dificuldade era ter com que enchê-la; pois à água vinha de longe e não nos deixavam correr e ir buscá-la. Entretanto ela era absolutamente necessária para nosso salgueiro. Empregamos toda espécie de ardis para regá-lo durante alguns dias; e nós saímos tão bem que o vimos brotar e criar folhinhas cujo crescimento medíamos de hora em hora, convencidos, embora não estivesse senão num palmo de terra, que não tardaria a nos dar sombra.

Como nossa árvore, ocupando-nos inteiramente, tornava-nos incapazes de qualquer aplicação nos estudos, pois estávamos como em delírio e porque, não sabendo com que lidávamos, nos mantínham em menos liberdade do que anteriormente, vimos o momento fatal em que nos iria faltar água e nos desolávamos à espera de ver nossa árvore morrer de sede. Finalmente a necessidade, mãe de todas as artes, sugeriu-nos uma invenção para salvar a árvore e a nós de uma morte certa: foi a de fazer por baixo da terra um rego que levaria secretamente ao salgueiro uma parte da água com que regassem a noqueira. Este empreendimento, executado com entusiasmo, não deu certo no entanto. Tínhamos calculado tão mal a descida que a água não corria; a terra esborroava e obstruía o rego; todo lixo vinha acumular-se na entrada; nada corria a contento. Não desanimamos. *Labor omnia vincit improbus*. Cavamos ainda mais a terra e a bacia para dar escoamento à água; cortamos fundos de caixas em pequenas pranchas estreitas, das quais formando um canal triangular. Plantamos à entrada e na clarabóia peduenos pedaços de madeira bem finos, os quais, fazendo uma espécie de grade ou ralo, retinham o limo e as pedras sem impedirem a passagem da água. Tornamos a cobrir nossa obra cuidadosamente com terra bem amassada; e no dia em que tudo estava pronto, esperamos, ora animados, ora receiosos, a hora da rega. Após séculos de espera, chegou a hora afinal: M. Lambercier veio, como de costume, assistir à operação durante a qual nós dois nos mantínhamos por trás dele para que

não visse nosso salgueiro, para o qual, felizmente, estava de costas.

Mal acabavam de esvaziar o primeiro balde, começamos a ver a água correr para nossa bacia. Diante disso a prudência nos abandonou: começamos a soltar gritos de alegria que fizeram M. Lambercier voltar-se: e foi pena, porque ele estava muito satisfeito vendo como a terra da noqueira era boa e como bebia avidamente a água. Surpreso por vê-la dividir-se para duas bacias, solta uma exclamação por sua vez, olha, percebe a velhacaria, bruscamente faz com que lhe tragam uma enxada, dá um golpe, faz voar duas ou três lascas de madeira, gritando com toda força: *Um aqueducto! um aqueducto!* dá golpes impiedosos por toda a parte, e cada um deles vai direito aos nossos corações. Num minuto, as tábuas, o canal, a bacia, o salgueiro, tudo foi destruído, tudo foi cavado, sem que ele, durante aquela terrível descoberta, pronunciasse outra palavra além da exclamação que repetia sem cessar: *Um aqueducto! bradava, quebrando tudo, um aqueducto! um aqueducto!*

Pensarão que a travessura acabou mal para os pequenos arquitetos; enganar-se-ão: tudo terminou bem. M. Lambercier não nos disse uma palavra de censura, não nos fez cara feia e não nos falou mais sobre aquilo; nós o ouvimos mesmo, pouco depois, rir às bandeiras despregadas, junto à irmã, pois a risada de M. Lambercier se ouvia de longe: e o que houve de mais surpreendente ainda é que, passado o primeiro momento de apreensão, nós mesmos não nos sentimos muito aborrecidos. Plantamos noutro ponto uma outra árvore e nos lembrávamos constantemente do desastre com a primeira, repetindo com ênfase: *Um aqueducto! um aqueducto!* Até então eu tinha tido acessos de orgulho, por intervalos, quando era Aristides ou Brutus: foi então que tive o meu primeiro movimento de vaidade bem definido. Ter podido construir um aqueducto com nossas mãos, ter posto um galho fazendo concorrência a uma grande árvore, parecia-me o grau supremo de glória. Com dez anos tinha opiniões melhores do que Cesar aos trinta.

A lembrança daquela noqueira e da historieta que a ela se liga ficou tão bem guardada ou voltou-me à mente tão bem que um dos meus planos mais agradáveis durante minha viagem a Genebra, em 1754, era o de ir a Bossey rever os lugares dos folguedos de minha infância e principalmente a querida noqueira, que já devia estar com um terço de século. Fiquei tão continuamente obcecado, tão pouco senhor de mim, que não pude encontrar o momento de ter tal satisfação. Há pouca probabilidade de apresentar-se ainda nova ocasião para mim: entretanto, não perdi a vontade e a esperança e tenho quase que certeza de que se algum dia, voltando a esses lugares queridos, encontrasse a minha querida noqueira ainda viva, eu a regaria com minhas lágrimas.

De volta a Genebra, passei dois ou três anos em casa de meu tio esperando que resolvessem o que fariam de mim. Como destinasse o filho à engenharia, fê-lo aprender um pouco de desenho e ensinou-lhe as Noções Elementares de Euclides. Eu aprendia tudo por estar junto e tomei gosto por aquilo, principalmente pelo desenho. Entretanto delibereavam-se me faziam relajoerito, procurador, ou sacerdote. Preferia ser sacerdote pois achava muito bonito fazer sermões; mas a pequena renda dos bens de minha mãe, que devia ser partilhada entre mim e meu irmão, não era suficiente para eu prosseguir em meus estudos. Como a idade em que estava não tornava urgente a escolha, fiquei à espera em casa de meu tio, quase perdendo meu tempo, e não deixando de pagar, como era justo, uma pensão bem boa.

Meu tio, homem dado a prazeres, assim como meu pai, não sabia, como este deixar-se prender pelos deveres e pouco se importava conosco. Minha tia era uma devota um tanto pietista que preferia cantar os

salmos a velar por nossa educação. Quase nos deixavam em inteira liberdade, da, qual jamais abusamos. Sempre inseparáveis, achávamos suficiente a companhia um do outro; e não sentindo tentações de manter relações com marotos de nossa idade, não adquirimos nenhum dos maus hábitos que a ociosidade podia inspirar-nos. Faça uma injustiça ao dizer que vivíamos ociosos, pois jamais o fomos menos; e o que havia de bom era que todos os divertimentos, que nos ocuparam apaixonadamente e sucessivamente, nos mantinham juntos dentro de casa, sem sermos tentados a ir para a rua. Fazíamos gaitolas, flautas, cataventos, tambores, casas, *equiffles*,⁽¹⁾ bestas. Estragávamos as ferramentas de nosso bom e velho avô para fazermos relógios como ele. Acima de tudo preferíamos garatujar papel, desenhar, dultuir cores nãgua, colorir e gastar uma porção de tinta. Veio a Genebra um chafaião italiano chamado Gamba-Corta; fomos vê-lo uma vez e depois não quisemos mais ir vê-lo: porém ele tinha marionetes e então pusemo-nos a fazer marionetes: suas marionetes representavam comédias e nós fizemos comédias para as nossas. Por falta de prática, imitávamos a voz de Polichinelo em falso, para representarmos as encantadoras comédias, que nossos bons pais tinham a paciência de ver e ouvir. Um dia, porém, tendo o meu tio Bernard lido em família um sermão muito belo, que ele mesmo escreveu, abandonamos as comédias e entregamo-nos aos sermões. Confesso que esses detalhes não são muito interessantes; todavia mostram até que ponto era preciso nossa educação ter sido bem dirigida para que, senhores de nosso tempo e de nós mesmos numa idade tão tenra, sêntissemos tão pequena vontade de abusar da liberdade. Nem necessidade tínhamos de arranjar amigos e até deixávamos passar as ocasiões de brincar com outros. Quando iamos passear, olhávamos para as brincadeiras dos outros meninos sem inveja, sem mesmo sonhar em tomar parte nelas. A amizade preenchia as necessidades de nossos corações tão bem que era bastante estarmos juntos para que os gostos mais simples nos deliciassem.

A força de nos ver inseparáveis, os garotos começaram a reparar; ainda mais pelo fato de meu primo ser muito desgraçado e eu muito pequeno, pois formávamos um par muito engraçado. Sua comprida silhueta delgada, seu rostinho de maçã mirrada, seu ar indolente, seu andar mole, provocavam as crianças a caçoarem dele. No *patois* do país deram-lhe o apelido de *Barna Bredanna*; e mal saímos, só ouvíamos *Barná Bredanna* ao redor de nós. Ele suportava esse estado de coisas mais tranquilamente do que eu. Eu me zangava, queria brigar; era isso o que os patifezinhos queriam. Dei pancada e apanhei. Meu pobre primo ajudava-me como podia, mas era fraco e com um soco o atiraram ao chão. Então enfureci-me. Entretanto, embora tivesse levado valentes cascos, não era a mim que queriam, era o *Barná Bredanna*; porém de tal modo aumentei o mal com minha cólera teimosa, que não ousávamos mais sair senão às horas em que os garotos estavam em aula, com medo de sermos apupados e perseguidos por eles.

Eis-me como vingador de ofensas. Para ser um completo paladino só me faltava uma dama: tive duas. Ia, de tempos em tempos, ver meu pai em Nyon, pequena cidade da região de Vaud, onde se tinha estabelecido. Meu pai era muito querido e o filho participou dessa benevolência. Durante as poucas estadias perto dele, preocupava-me apenas com as pessoas a quem entregava-me às carícias. Certa madame de Vulson, principalmente, me acarinhava muito e, para cúmulo, a filha tomou-me

(1) Termo em uso em Genebra para designar o que os escolares em França chamam uma canhoneira.

como namorado. Percebem o que é ser namorado, aos onze anos, de uma moça de vinte-e-dois. Mas todas as moças astuciosas facilmente põem uns bonequinhos adiante para esconder os grandes, ou para tentá-los com a cena de uma brincadeira que elas sabem tornar atraente! Quanto a mim, que não via entre mim e ela nenhuma disparidade, levei a história a sério; entreguei-me de coração, ou melhor, com todo meu cérebro, pois era este que estava apaixonado, embora até a loucura e com transportes, agitações, furores que causavam cenas de estourar de riso.

Conheço duas espécies de amor, bem distintas, bem reais e que quase nada têm de comum, embora ambas sejam bem fortes e diferentes da amizadeterna. Durante toda minha vida, vi-a partilhada entre esses dois amores de naturezas tão diversas e eu mesmo os experimentei a ambos de uma só vez; porque, por exemplo, no momento a que me refiro, enquanto me assegnoreava de *mademoiselle de Vulson*, tão pública e tão tiranicamente que não podia suportar que nenhum homem dela se aproximasse, tinha, com uma pequena *mademoiselle Goton*, colóquios bem rápidos, mas bem significativos, nos quais ela se dignava fazer o papel de professora e era tudo: porém esse tudo, que com efeito era tudo para mim, parecia-me a suprema felicidade; e sentindo já o preço do mistério, embora só o soubesse usar como criança, devolvia a *mademoiselle de Vulson*, que de nada desconfiava, o cuidado que ela tomava em esconder-me seus outros amores. Mas, com grande pesar meu, meu segredo foi descoberto, ou menos bem guardado da parte de minha pequena mestre-escola do que da minha, porque não tardaram a separar-nos.

Na verdade, era uma criatura singular aquela pequena *mademoiselle Goton*. Sem ser bela, tinha um rosto difícil de ser esquecido e do qual ainda me lembro, com frequência demasiada para um velho tolo. Os olhos, principalmente, não eram para sua idade, nem o talhe, nem seu porte. Tinha um arzinho imponente e orgulhoso adequado ao papel que tinha motivado a primeira idéia entre nós. Porém o que ela possuía de mais bizarro era um misto de audácia e de reserva, difícil de imaginar-se. Comigo permitia-se as maiores intimidades, sem jamais permitir-me alguma com ela; tratava-me exatamente como uma criança: o que me faz crer, ou que ela já tinha deixado de sê-lo, ou que, ao contrário, ainda o era bastante para não ver senão uma brincadeira no perigo a que se expunha.

Entregava-me inteiramente; por assim dizer, a cada uma dessas duas criaturas e tão perfeitamente que, quando com uma, jamais me acontecia pensar na outra. Quanto ao mais, nada mais de semelhante havia no que me faziam experimentar. Teria passado minha vida inteira com *mademoiselle de Vulson*, sem sonhar em deixá-la; mas ao aproximar-me dela minha satisfação era tranqüila e não ia até a emoção. Amava-a principalmente quando no meio de muita gente; as brincadeiras, os afagos até os ciúmes, me prendiam, me interessavam; orgulhosamente triunfava com suas preferências junto aos rivais grandes que ela parecia maltratar. Era torturado, porém amava o tormento. Os aplausos, os encorajamentos, os risos me excitavam, me animavam. Tinha arrebatamentos, repentinos: cercado por outros, ficava transportado de amor; a só, sentir-me-ia constrangido, frio, talvez aborrecido. No entanto interessava-me ternamente por ela, sofria quando ela estava doente: teria dado minha saúde para devolver-lhe a sua; e notem que eu sabia muito bem, por experiência, o que era estar doente e o que era a saúde. Longe dela, pensava eu, sentir-lhe-ia a falta; perto, suas carícias me eram doces ao coração, não aos sentidos. Impunemente

tinha familiaridades para com ela; minha imaginação não me pedia senão o que ela me concedia: entretanto, não teria podido suportar vê-la fazer o mesmo a outros. Amava-a como irmão, mas era ciumento como um apaixonado.

Como um turco, teria ficado enciumado de mademoiselle Goton e furioso como um tigre, se tivesse imaginado apenas que ela era capaz de dar a um outro o tratamento que me dispensava; porque aquilo mesmo era um favor que era preciso pedir de joelhos. Aproximava-me de mademoiselle de Vulson com um prazer vivo, mas sem perturbar-me; ao passo que só em ver mademoiselle Goton eu nada mais enxergava, todos os meus sentidos ficavam transformados. Era amigo da primeira sem familiaridade; ao contrário, sentia-me tão têmulos quanto agitado diante da segunda, mesmo no auge das maiores familiaridades. Creio que se tivesse ficado muito tempo com ela, não teria podido viver: as palpitações me teriam sufocado. Receitava igualmente desgostosas; porém era mais complacente para uma e mais obediente para a outra. Por coisa nenhuma teria querido zangar mademoiselle de Vulson; porém se mademoiselle Goton me tivesse ordenado lançar-me às chamas, creio que teria obedecido imediatamente.

Meus amores, ou melhor, meus encontros com esta última, duraram pouco — felizmente para ela e para mim. Embora minhas relações com mademoiselle de Vulson não oferecessem o mesmo perigo, elas não deixaram de causar sua catástrofe, depois de terem durado demoradamente. O fim de tudo isso devia sempre ter um ar de tanto romanesco e dar motivo a exclamações. Embora minha intriga amorosa com mademoiselle de Vulson fosse menos ardente, era mais forte talvez. Nossas separações jamais se faziam sem lágrimas e é singular como me sentia num vácuo opressivo quando a deixava. Não era capaz de falar senão dela, só pensava nela: minhas saudades eram verdadeiras e vivas; porém creio que, no fundo, as saudades não eram, somente dela e que, sem que eu percebesse, as diversões que a cercavam também tinham sua boa parte. Para adotar as dores causadas pela ausência, escrevia-me cartas num tom patético capaz de fundir rochedos. Enfim eu tive a satisfação de ver que ela não pode mais suportá-las e veio ver-me em Genebra. Com tal golpe, minha cabeça acabou de ficar virada; fiquei tonto e louco nos dois dias em que ela ali passou. Quando partiu quis lançar-me náguas atrás dela e durante muito tempo enchi o ar com meus gritos. Oito dias depois, mandou-me bombons e luvas: o que me teria parecido muito galante se não tivesse sabido na mesma ocasião que ela havia casado e que a viagem, cujas honras me atribuíra, era para comprar o vestido de noiva. Não descreverei o meu furor; imaginam-no logo. Jurei, em minha nobre cólera, não rever mais a pérfida, não imaginando para ela castigo pior. No entanto ela não morreu, porque, vinte anos depois, tendo ido ver meu pai e passeando com ele pelo lago, perguntei-lhe quem eram as senhoras que eu via num barco pouco distante do nosso. O que! disse-me meu pai sorrindo, o coração não te diz? são os teus antigos amores; é madame Cristine, é mademoiselle de Vulson. Estremei ante esse nome quase esquecido; porém ordenei aos barqueiros que mudassem de rumo, não achando, embora tivesse ocasião de tirar minha vingança, valesse a pena ser perjuro, e não querendo recomençar uma questão de vinte anos com uma mulher de quem rento.

(1723-1728) Desse modo perdia-se em inutilidade o tempo mais precioso de minha infância antes que decidissem sobre o destino de dar-me.⁽¹⁾ Depois de longas deliberações para seguir minhas naturais disposições, tomaram enfim o partido para o qual eu as tinha menos, e

puseram-me em casa de M. Masseron, tabelião da cidade, para aprender com ele como dizia M. Bernard, o útil ofício de rábula. Essa alcinha desagradava-me soberanamente; a perspectiva de ganhar escudos por meio de uma vida tão ridícula era pouco agradável à minha altivez; a ocupação pareceu-me aborrecida, insuportável; a assiduidade, a sujeição, acabaram de me desgostar e não entrava no tabelionato senão com um horror que aumentava dia a dia. M. Masseron, por seu lado, pouco satisfeito comigo, tratava-me com desprezo reprovando sem cessar a minha indolência, a minha estupidez; repetindo todos os dias que meu tio lhe tinha assegurado que eu sabia, que eu sabia, quando, na verdade, eu não sabia nada; que ele lhe tinha prometido um bonito rapaz e que não lhe tinha dado mais do que um asno. Finalmente fui despedido ignominiosamente por causa de minha inépcia e os empregados de M. Masseron declararam que eu só servia para lidar com uma

Assim determinada a minha vocação, fui posto como aprendiz, não em casa dum relojoeiro e sim em casa dum gravador. O desprezo do tabelião tinha-me humilhado extremamente e obedeci sem queixas. Meu patrão, M. Ducommun, era um homenzinho grosseiro e violento que conseguia, em tempo bem curto, empanar o brilho de minha infância, embrutecer meu caráter amante e vivo e reduzir-me, pelo espírito bem como pela fortuna, a meu verdadeiro estado de aprendiz. Meu latim, meus conhecimentos sobre antiguidade, minha história, tudo ficou esquecido por muito tempo; nem mesmo me lembrava de que tinha havido romanos no mundo. Meu pai, quando eu o ia ver, não mais encontrava em mim o seu ídolo; não mais era o galante Jean-Jacques para as senhoras; e reconhecia tão bem que M. e mademoiselle Lambertier não mais tinham reconhecido em mim o antigo aluno, que tive vergonha de me apresentar a eles e desde então não mais os vi. Os gostos mais vis, a mais baixa maroteira substituíram meus divertimentos amáveis, sem deixar-me a menor idéia destes últimos. Era preciso que, apesar da educação mais honesta, eu tivesse grande inclinação para degenerar; pois isso se processou muito rapidamente, sem o menor pesar, e nunca Cesar tão precoce tornou-se tão prontamente Latídon.

Em si mesmo o ofício não me desagradava: tinha gosto forte pelo desenho e o lidar com o buril me divertia muito; e como a arte de gravador para a relojoaria é muito limitada, tinha esperanças de atingir a perfeição. Talvez o tivesse conseguido, se a brutalidade do meu patrão e o excessivo constrangimento não me tivessem desgostado do trabalho. Roubava-lhe tempo para empregá-lo em ocupações do mesmo gênero, mas que para mim tinham o atrativo da liberdade. Gravava umas medalhas que nos serviam, a mim e a meus camaradas, como ordem de cavalaria. O patrão surpreendeu-me nesse trabalho de contrabando e me moeu de pancadas, dizendo que eu estava me exercitando para fazer moedas falsas, porque nossas medalhas tinham as armas da república. Posso jurar que não tinha a menor idéia do que era uma moeda falsa e talvez tivesse muito pouca a respeito da verdadeira; sabia melhor como se faziam as romanas do que as nossas moedinhas de três vinténs.

A tirania de meu patrão acabou por tornar insuportável o trabalho

(Em seus Devaneios, Rousseau conta duas aventuras que honram seu caráter e que se ligam a essa época de sua vida. Ele declara que ambas lhe vieram à memória ao escrever suas Confissões, mas que pôs de lado tanto uma como a outra por causa de "uma singularidade natural" que lhe fez dizer "com mais frequência o mal, em toda sua torpezza, e raramente o bom, com tudo o que tivesse de amável" e freqüentemente mesmo "fê-lo calar este último porque o honrava muito".)

que eu teria amado e por dar-me hábitos maus que teria odiado, tais como a mentira, a preguiça e o roubo. Nada me ensinou melhor a diferença que há entre a dependência filial e a escravatura servil do que a lembrança das modificações que esta época produziu em mim. De natural tímido e vergonhoso, nunca senti maior aversão por um defeito do que pelo descaramento; porém tinha gozado uma liberdade honesta, que somente fora restrita por graus até aquela época e que desaparecera de todo. Fora ousado em casa de meu pai, livre em casa de M. Lambercier, discreto em casa de meu tio; tornei-me medroso em casa de meu patrão e desde então fui uma criança perdida. Acostumado, na maneira de viver, a uma igualdade perfeita com meus superiores, a não conhecer um prazer que não estivesse a meu alcance, a não ver um prato do qual não tivesse a minha parte, a não ter um desejo que não o dissesse, a pôr nos lábios, enfim, tudo o que ia em meu coração: que julguem o que foi feito de mim numa casa em que não ousava abrir a boca, onde era preciso sair da mesa antes de terminar a refeição e do quarto imediatamente, quando nada mais tinha a fazer ali; onde, sempre preso ao trabalho, só via motivos de prazer para os outros e de privações para mim; onde a imagem da liberdade do patrão e dos companheiros aumentava o peso de minha sujeição; onde, nas disputas sobre coisas que eu sabia melhor, não ousava abrir a boca; enfim, onde a menor coisa que eu via tornava-se para meu coração um objeto de cobiça, unicamente porque vivia privado de tudo. Adeus desafoço, alegria, saídas felizes que antes, quando em falta, tão freqüentemente me tinham feito escapar ao castigo. Não posso lembrar-me sem rir de que uma noite, em casa de meu pai, sendo condenado por alguma travessura a ir deitar-me sem ceia e passando pela cozinha com o meu triste pedaço de pão, vi e senti o cheiro do assado que dava voltas no espeto. Estavam ao redor do fogo: era preciso que, ao passar, eu cumprimentasse todos. Quando, terminada a volta, olhei com o rabo aquele assado que estava com uma cara tão boa e que cheirava tão bem, não pude deixar de cumprimentá-lo também e de dizer-lhe em tom que causava dó: Adeus, assado. Este dito ingénuo pareceu tão engraçado que me deixaram ficar para a ceia. Talvez tal observação fosse igualmente feita em casa de meu patrão, porém o certo é que não me teria vindo aos lábios ou que não teria ousado fazê-la.

Eis como aprendi a cobiçar em silêncio, a esconder-me, a dissimular, a mentir e finalmente a roubar; idéia que até então não tinha tido; da qual não pude, desde então, ficar bem curado. A cobiça e a impotência levam sempre a isso. E por isso que os lacaios são marotos e fazem por isso que todos os aprendizes devem sê-lo: mas quando as condições são iguais e sem injustiças, quando tudo o que vêem está ao seu alcance, estes últimos perdem, ao crescer, essa inclinação vergonhosa. Não tendo tido a mesma vantagem, não pude tirar o mesmo proveito.

Quase sempre são os bons sentimentos mal dirigidos que fazem a ruína das crianças dêm o primeiro passo para o mal. Apesar de esperarmos tirar, em seguida, os pedaços, um após outro: porém mal casa de meu patrão sem poder resolver-me a tirar alguma coisa, nem minha a complacência, porém abriu a porta a outros que não tinham um fim tão louvável.

Havia em casa de meu patrão um companheiro chamado M. Verret, cujo casa na vizinhança tinha um quintal bem afastado que produzia espargos muito belos. M. Verrat teve vontade, não tendo muito dinheiro, de roubar os primeiros espargos à sua mãe e de vendê-los para fazer almoços melhores. Como não queria expor sua pessoa e como não era

muito ligeiro, escolheu-me para tal expedição. Depois de algumas meiguices preliminares, que me conquistaram depressa porque não lhes via o fim, fez-me a proposta como idéia que lhe tivesse vindo na hora. Argumentei bastante; ele insistiu. Nunca fui capaz de resistir às carícias; entreguei-me. Todas as manhãs ia colher os mais belos espargos; levava-os ao Molard, onde alguma boa mulher, que via que eu acabava de roubá-los, dizia-me, afim de tê-los mais baratos. Aterrorizado pegava o que ela quisesse dar e levava-o a M. Verrat. Aquilo se transformava prontamente num almoço que eu ia comprar e que ele partilhava com um outro aprendiz; pois quanto a mim, muito satisfeito por ficar com algumas migalhas, nem mesmo tocava em seu vinho.

Esta manobra durou vários dias sem que me viesse à cabeça roubar o ladrão e cobrar a M. Verrat uma porcentagem sobre a venda dos espargos. Executava a ladroeira com a maior fidelidade; meu único motivo era o de dar prazer aquele que me obrigava a praticá-la. No entanto, se fosse surpreendido, quantas pancadas, quantas injúrias, quantos tratamentos cruéis não teria suportado enquanto o miserável, desmentindo-me, seria acreditado sob palavra e eu duplamente punido por ter ousado acusá-lo, visto ser ele oficial e eu um simples aprendiz! Eis como em tudo o forte e culpado se salva à custa do inocente e fraco.

Aprendi desse modo que não era uma coisa tão terrível roubar, como o tinha pensado; e em breve tirei partido tão bom dessa arte que não ficava mais em segurança o que eu cobiçasse e que estivesse ao alcance das minhas mãos. Não era mal alimentado em casa de meu patrão e a sobriedade só me era custosa por vê-la tão mal observada. O costume de fazer os mais jovens saírem da mesa quando servem o que mais os tenta, parece-me muito indicado para torná-los tão gulosos quanto marotos. Dentro em pouco tornei-me um e outro; comumente me saía bem e doutras vezes mal, quando era surpreendido.

Uma recordação que ainda me faz tremer e rir ao mesmo tempo é a duma investida às maçãs, investida que me custou caro. As maçãs não estavam no fundo duma despensa que, por uma gelosia alta, recebia luz da cozinha. Um dia em que estava só em casa, subi à arca de pão para ver no jardim das Hespérides aquele fruto precioso do qual não podia aproximar-me. Fui em busca do espeto para ver se ele a alcançava: era curto demais. Encompridei-o com um outro espeto pequeno que servia para caça miúda, porque meu patrão gostava de caçar. Várias vezes a piquei sem nada conseguir; finalmente senti, enleivado, que vinha tentando uma maçã. Puxei com grande cuidado: já a maçã estava perto da gelosia, dentro em pouco eu a pegaria. Quem dirá minha dor? A maçã era muito grande e não pude passar pelo buraco. Quantas invenções não pus em execução para tirá-la! Foi preciso arranjar suportes para sustentar o espeto um feição bem comprido para partir a fruta e uma fazelata para pegá-la. A força de habilidade e de tempo, consegui partí-la, apesar de desperando tirar, em seguida, os pedaços, um após outro: porém mal casa de meu patrão sem poder resolver-me a tirar alguma coisa, nem minha a complacência, porém abriu a porta a outros que não tinham um fim tão louvável.

Não perdi a coragem, porém tinha perdido muito tempo. Receiava voltar ao trabalho muito tranquilamente como se nada tivesse feito, e ser surpreendido; adiei para o dia seguinte uma tentativa mais feliz e voltei ao trabalho muito tranquilamente como se nada tivesse feito, sem pensar nas duas testemunhas indiscretas que, na despensa, depunham contra mim.

No dia seguinte, achando uma boa ocasião, faço nova investida. Subo ao meu cavalete, estico o espeto ajusto-o; estava quase a pegar... infelizmente o dragão não dormia: de repente a porta da despensa se

abre; meu patrão sai, cruza os braços, olha-me e me diz: Coragem!... A pena cai de minhas mãos.

Em breve, à força de experimentar maus tratos, fui ficando menos sensível; pareceram-me finalmente uma espécie de compensação ao roubo que me dava o direito de continuar. Em vez de voltar os olhos para trás e considerar a punição, mantinha-os para diante e pensava na vingança. Achava que bater-me como um maroto era autorizar-me a sê-lo. Achava que roubar e apanhar pancada eram coisas que se combinavam e, de algum modo, constituíam um estado de coisas, e que cumprindo a parte que de mim dependia, podia deixar que o patrão cuidasse da outra. Baseado nessa idéia, pús-me a roubar mais tranquilamente do que antes. Dizia a mim mesmo: Enfim, o que me acontecera? Apanharei. Seja: fui feito para isso.

Gosto de comer, sem ser voraz; sou sensual e não glutão. Muitos outros gostos me distraíam desse. Jamais me ocupei com a boca senão quando tinha o coração desocupado; e isso aconteceu-me tão raramente na vida que quase não tive tempo de pensar nos bons bocados. Eis por que não limitei durante muito tempo a minha espreiteza ao roubo de comestíveis, estendi-o logo a tudo o que me tentava; e se não me tornei num ladrão em forma, foi porque o dinheiro nunca me tentou muito. Além da sala de trabalho comum, meu patrão tinha uma outra, parte, que fechava à chave. Descobri meios de abrir a porta e de fechar a sem que ele desconfiasse. Uma vez ali, aproveitava-me de suas boas ferramentas, de seus melhores desenhos, de suas gravuras, de tudo que me despertava inveja e que ele dava mostras de querer conservar longe de mim. No fundo, tais roubos eram bem inocentes porque eram feitos para serem empregados em seu serviço: mas sentia-me transportado de alegria por ter aquelas bagatelas em meu poder; julgava roubar o talento com aquelas produções. De resto, havia dentro de caixas de aparas ouro e prata, jóias pequenas, moedas de valor, dinheiro. Quando tinha quatro ou cinco vinténs no bolso era muito: entretanto, longe de tocar nalguma coisa dali, não me lembro mesmo de ter lançado um olhar de cobiça para elas: via-as com mais medo do que prazer. Creio bem que esse horror a roubar dinheiro e suas consequências me vinham em grande parte da educação. A isso misturavam-se idéias secretas de infâmia, de prisão, de castigo, de patíbulo, que teriam feito tremer se o tivesse tentado; ao passo que minhas ligeirezas de mão me pareciam apenas travessuras e, com efeito, não eram outra coisa. Tudo isso não podia ter outra paga senão ser bem espancado pelo meu patrão e de antemão me conformava.

Contudo, repito, nem chegava a cobiçar o bastante para poder abster de furtar; nada tinha a combater. Uma única folha de lindo papel de desenho tentava-me mais do que o dinheiro para comprar uma pena. Essa esquisitice liga-se a uma das singularidades de meu caráter; e teve tanta influência em minha conduta que é preciso explicá-la.

Minhas paixões são violentísimas e quando me dominam (não nada que iguale sua impetuosidade: não conheço mais consideração nem respeito, nem medo, nem decência; sou cínico, ousado, violento, intrépido: não há vergonha que me faça parar, nem perigo que me meta medo: fora do único objeto que me ocupa, o universo não me existe para mim. Porém tudo isso não dura mais do que um instante no momento imediato lança-me no aniquilamento. Considerem-me no momento de calma, sou a indolência e a timidez personificadas; tudo me amedronta, tudo me desanima; uma mosca voando me dá medo, uma palavra que tenha a dizer, um gesto a fazer, aterram minha preguiça; o medo e a vergonha me subjugam a tal ponto que desejo

ecipsar-me aos olhos de todos os mortais. Se for preciso agir, não sei o que fazer; se for preciso falar, não sei o que dizer; se me olhar, fico sem jeito. Quando me apaixono, sei encontrar, algumas vezes, o que devo dizer; porém nas conversas comuns nada encontro, nada absolutamente, e é por isso que acho insuportáveis as ocasiões em que sou obrigado a falar.

Acrescentai que nenhum de meus gostos dominantes consistem em coisas que se comprem. Só desejo os prazeres puros e o dinheiro os venenosa. Por exemplo, amo os prazeres da mesa; todavia, não podendo suportar o embaraço que me causa uma boa companhia, nem a crápula da taverna, só posso apreciá-los com um amigo; porque sozinho tal coisa não me é possível; minha imaginação se ocupa então de outra coisa e não sinto o prazer de comer. Se meu sangue excitado me pede mulheres, meu coração comovido me pede amor ainda por cima. As mulheres a preço de dinheiro perdiam para mim todos os encantos; duvido mesmo se estaria em mim aproveitá-las. O mesmo se dá com todos os outros prazeres ao meu alcance; se não são gratuitos, acho-os inspidos. Amo os únicos bens que só são do primeiro que os sabe apreciar.

Nunca o dinheiro me pareceu coisa tão preciosa como o acham. Mais ainda, nem mesmo me pareceu muito comodo: em si mesmo para nada serve, é preciso transformá-lo para gozá-lo: é preciso comprar, regeitar, ser enganado muitas vezes, pagar bem e ser mal servido. Dessejariam uma coisa boa em sua qualidade: com meu dinheiro tenho certeza de tê-la má. Compror caro um ovo fresco, é velho; um belo fruto, está verde; uma mulher, é corrupta. Adoro o bom vinho, mas onde encontrá-lo? Em casa de um negociante de vinhos? seja como for: ele me envenenará. De qualquer modo quero ser bem servido? quantos trabalhos, quantos cuidados! ter amigos, correspondentes, dar comissões, escrever, ir, vir, esperar; e freqüentemente ser enganado ainda por cima. Quantos aborrecimentos com o meu dinheiro! tenho mais medo dele do que gosto do bom vinho.

Mil vezes, durante minha aprendizagem e depois, sai com o desígnio de comprar uma guloseima. Aproximo-me da pastelaria, vejo milhares ao balcão; creio logo vê-las rirem e caçoarem do pequeno guloso. Passo diante dum vendedor de frutos, com o canto do olho namoro as lindas peras, seu perfume me tenta; dois ou três rapazes ali perto me observam; um homem que me conhece está diante da loja; ao longe vejo vir uma moça: não é a criada da casa? Meus olhos míopes iludem-me mil vezes. Tomo todos os que passam por pessoas de minhas relações; em todos os lugares me sinto tímido, retido por qualquer obstáculo; meu desejo aumenta com a vergonha e volto enfim, como um tolo, devorado de cobiça, tendo no bolso com que satisfazê-la e não tendo ousado comprar nada.

Entraria nos detalhes mais inspidos se prosseguisse a respeito do emprego de meu dinheiro, para mim mesmo ou para outrem, contando-lhes o embaraço, a vergonha, a repugnância, os inconvenientes, os desgostos de toda espécie que sempre experimentei. A medida que, avançando em minha vida, o leitor for travando conhecimentos com meu gênio, sentirá tudo isso sem que eu me torne importuno repetindo.

Visto isso, compreenderão sem custo uma de minhas pretensas contradicções: a de aliar uma avareza quase sórdida com o maior desprezo pelo dinheiro. É para mim um traste tão pouco comodo que nem mesmo sonho em desejar o que não tenho; e quando o tenho, guardo-o muito tempo sem gastá-lo, por não saber empregá-lo a meu gosto; contudo a ocasião comoda e agradável se apresenta: aproveito-a



tão bem que minha bolsa se esvazia antes que me apercebea. De resto, não procureis em mim a manha dos avarentos, a de gastar por ostentação; ao contrário, gasto em segredo e por prazer: longe de gloriar-me em gastá-lo, eu me escondo. Sinto tão bem que o dinheiro não foi feito para meu uso que quase tenho vergonha de tê-lo e mais ainda de me servir dele. Se algum dia tivesse uma renda suficiente para viver comodamente, não seria tentado a mostrar-me avaro, tenho plena certeza disso; gastaria toda minha renda sem procurar aumentá-la; porém minha situação precária mantem-me em guarda. Adoro a liberdade; de resto o constrangimento, as preocupações, a sujeição. Enquanto dura o dinheiro que tenho no bolso, tenho assegurada a minha independência; ele me dispensa de quebrar a cabeça para arranjar mais dinheiro, necessidade que sempre me causou horror; porém com medo de vê-lo acabar, custo a gastá-lo. O dinheiro que se possui é o instrumento da liberdade; o que se procura ganhar é o da escravidão. Eis porque eu o guardo bem e não tenho vontade de comprar nada.

Meu desinteresse não é senão preguiça; o prazer de possuir não vale o trabalho de adquirir: e minha dissipação não é senão preguiça também; quando se apresenta ocasião de gastar agradavelmente, não posso deixar de aproveitá-la bem. O dinheiro me tenta menos do que os objetos, porque entre o dinheiro e a posse desejada há sempre um intermediário; ao passo que entre a coisa em si e o prazer que pode dar, não há nenhum. Vejo uma coisa, ela me tenta; se para tê-la basta-me adquiri-la, deixa de me tentar. Fui ladrão outrora e algumas vezes ainda o sou quando se trata de bagatelas que atraem minha cobiça e que prefiro tirar a pedir: porém, pequeno ou grande, não me lembro em toda minha vida de ter tirado um real de alguém; agora uma única vez, há uns quinze anos, em que roubei sete libras e dez vinténs. A aventura vale a pena ser contada, porque nela se encontra um impagável misto de ousadia e estupidez, história em que eu mesmo custaria a crer se se tratasse de um outro.

Foi em Paris. Passeava eu com M. de Francueil no Palais-Royal, às cinco horas. Ele tira o relógio, consulta-o e me diz: "Vamos à Ópera". Bem o desejo; vamos. Compra dois bilhetes para o anfiteatro, entrega-me um e passa na frente com o outro: siga-o, ele entra. Entrando depois dele dou com a porta impedida. Olho, vejo todo o mundo de pé; julgo que bem podia perder-me no meio daquela gente, ou pelo menos deixar que M. de Francueil assim o supusesse. Volto, pego minha contra-senha, depois o meu dinheiro e saio, sem pensar que assim que chegasse à porta todos estariam sentados e que então M. de Francueil veria claramente que eu não mais estava lá.

Como nunca houve traço mais incompatível com meu caráter do que esse eu o apoto para mostrar como há momentos de uma espécie de delírio e que não se deve julgar um homem por suas ações. Não se tratava, precisamente, de roubar aquele dinheiro: era roubar o emprego dado a ele: era mais uma infâmia do que um roubo.

Não terminaria nunca com esses detalhes se quisesse seguir todas as veredas pelas quais, durante meu tempo de aprendiz, passei da simblimidade do heroísmo à baixeza dum patife. Entretanto, adquirindo meus hábitos como aprendiz, foi-me impossível tomar gosto por eles. Não achava graça nos divertimentos de meus camaradas; e quando um sensível, pensava algumas vezes em minhas impaciências, porém não constrangimento demasiado também me tirou gosto pelo trabalho, achava tudo aborrecido. Isso devolveu-me o amor à leitura, que há quieto tomou um partido que me salvou de mim mesmo e que acalmou muito minha perda. Tais leituras, feitas na hora de trabalho, tornaram minha nascente sensualidade: foi o de me alimentar com as situações se novas culpas que me atraíram novos castigos. Esse gosto irritado pela proibição, transformou-se em mania e em furor, em breve. La Tribu, combinando-me delas de tal modo que me tornava um

famosa alugadora de livros, fornecia-mos de toda qualidade. Bons e maus tudo servia; eu não escolhia: lia tudo com avidez igual. Lia na mesa de trabalho, lia quando saía a recados, lia na privada e ali ficava esquecido horas inteiras; ficava de cabeça virada com a leitura e nada mais fazia senão ler. Meu patrão espionava-me, surpreendia-me, batia-me, tomava-me os livros. Quantos volumes foram rasgados, queimados, jogados janela afóra! quantas obras ficaram incompletas na livraria de La Tribu! Quando não tinha com que pagar-lhe, dava-lhe minhas camisas, minhas gravatas, minhas roupas; meus três vinténs de festa todos os domingos lhe eram regularmente entregues.

Eis como, dir-me-ão, o dinheiro se tornou necessário. É verdade, mas isso se deu quando a leitura me privou de toda atividade. Completamente entregue ao meu novo amor, nada mais fazia senão ler e não mais roubava. Eis ainda aí uma de minhas diferenças características. No auge de um certo hábito, um nada me distrai, muda-me, prende-me, enfim, me apaixonava: e então tudo fica esquecido; não penso senão no novo objeto que me ocupa. O coração ardia de impaciência para folhear o novo livro que tinha no bolso; trava-o assim que me apinhava só e não mais pensava em ir mexer na saleta privada de meu patrão. Até custo a crer que daria para roubar ainda que tivesse experimentado paixões mais custosas. Limitando-me ao momento presente, não me passava pela cabeça tomar disposições para o futuro. La Tribu me fiava: eram adiantamentos pequenos e, quando tinha embolsado meu livro, não pensava em mais nada. O dinheiro que me vinha naturalmente às mãos, passava do mesmo modo para as daquela mulher, e quando ela ficava exigente, nada ficava mais ao alcance de minha mão do que meus próprios objetos de uso. Roubar adiantado era providência demais e roubar para pagar nem chegava a ser tentação.

A força de questões, de pancadas, de leituras escondidas e mal escolhidas, meu gênio tornou-se taciturno, selvagem; minhas idéias começavam a alterar-se e eu vivia como um verdadeiro lobisomem. Entretanto, se meu gosto não me afastou dos livros vulgares e insípidos, minha sorte livrou-me dos livros obscenos e licenciosos: não porque La Tribu, mulher muito complacente em todos os respeitos, tivesse tido escrúpulos em mos entregar, porém, para dar-lhes maior valor, falava neles com um ar de mistério que me obrigava, por isso mesmo, a recusá-los, tanto por aversão como por vergonha; e o acaso favoreceu tão bem meu gênio pudico que eu já tinha mais de trinta anos quando pus os olhos num desses livros perigosos que qualquer bela senhora por aí acha incômodos porque não se pode lê-los senão com uma mão.

Em menos dum ano esgotei a magra biblioteca de La Tribu e então vi minhas horas vagas cruelmente desocupadas. Curado de meus gostos infantís e da maroteira devido à leitura, e por causa mesmo das leituras que, embora sem escolha e freqüentemente péssimas, guiavam meu coração para sentimentos mais nobres do que os que meu estado me teria dado; sem achar prazer no que tinha à mão e sentindo longe de mim tudo o que me teria tentado, não via nada que pudesse deleitar meu coração. Meus sentidos perturbados de há muito pediam-me um prazer cujo objeto nem era capaz de imaginar. Estava desse modo tão longe da verdade como se não tivesse absolutamente sexos; e já púbere e maus hábitos como aprendiz, não achava graça nos divertimentos de meus camaradas; e quando um sensível, pensava algumas vezes em minhas impaciências, porém não constrangimento demasiado também me tirou gosto pelo trabalho, achava tudo aborrecido. Isso devolveu-me o amor à leitura, que há quieto tomou um partido que me salvou de mim mesmo e que acalmou muito minha perda. Tais leituras, feitas na hora de trabalho, tornaram minha nascente sensualidade: foi o de me alimentar com as situações se novas culpas que me atraíram novos castigos. Esse gosto irritado pela proibição, transformou-se em mania e em furor, em breve. La Tribu, combinando-me delas de tal modo que me tornava um

dos personagens que imaginava, e me via sempre nas situações mais agradáveis e de acordo com meus gostos; finalmente o estado fictício que acabava por criar fazia com que eu esquecesse meu estado real, com o qual andava pouco satisfeito. Esse amor aos objetos imaginários e essa facilidade de ocupar o meu espírito acabaram por desgostar-me de tudo o que me rodeava e determinaram o amor à solidão que me ficou desde aquele tempo. Verão mais de uma vez, na seqüência desses acontecimentos, os estranhos efeitos de disposição tão misantropa e tão sombria na aparência, mas que provém dum coração afetuoso demais, muito amante, muito terno que, por não encontrar outro semelhante, é forçado a alimentar-se de ficções. É-me suficiente, agora, ter marcado a origem e a primeira causa dum inclinação que modificou todas as minhas paixões, as quais, refreando-se por si mesmas, sempre me tornaram preguiçoso para agir, por excesso de ardor em desejar.

Atingi assim o meu décimo-sexto ano, inquieto, descontente de tudo e comigo mesmo, sem achar prazer em minha situação, sem as alegrias de minha idade, devorado por desejos cujo objeto ignorava, chorando sem razão, suspirando sem saber por quê; enfim, acariciando ternamente as minhas quimeras, por não ver ao redor de mim nada que tivesse igual valor. Aos domingos, os meus companheiros vinham procurar-me, após a prédica, para ir divertir-me com eles. Prazerosamente lhes teria escapado se tivesse podido; porém uma vez metido em seus folgedos, ficava mais interessado e ia mais longe do que qualquer outro; difícil de animar e de ser contido. Foi sempre esta a minha disposição. Em nossos passeios fora da cidade, ia sempre adiante sem pensar na volta, a menos que os outros nela pensassem por mim. Duas vezes fiquei preso; as portas foram fechadas antes que eu conseguisse chegar. No dia seguinte fui tratado como bem podem imaginar; e na segunda prometeram-me um tal recepção para a terceira que resolvi não me expor mais. 'Essa terceira vez tão temida chegou, no entanto. Meu cuidado falhou devido a um maldito capitão chamado M. Minutoli, que sempre fechava a porta, quando estava de guarda, uma meia hora antes dos outros. Voltava eu com dois amigos. A meia légua da cidade ouço o toque de recolher, apresso o passo; ouço o toque do tambor corro desabaladamente: chego sem fôlego, nadando em suor; o coraçã me bate: vejo de longe os soldados em seus postos; corro mais depressa, grito com voz sufocada. Tarde demais. A vinte passos da linha avança, vejo erguerem a primeira ponte. Estremeço ao ver no ar aquelas pontas terríveis, sinistro e fatal augúrio dum sorte inevitável que nesse momento começava para mim.

No primeiro transporte de minha dor, lancei-me sobre o talude e mordei a terra. Meus companheiros, rindo-se de sua pouca sorte, imediatamente tomaram uma resolução. Também tomei a minha; porém foi diferente. Naquele lugar mesmo jurei não voltar mais à casa de meu patrão; e no dia seguinte, quando à hora da abertura das portas eles tomaram a entrar na cidade, disse-lhes adeus para sempre, pedindo-lhes somente que prevenissem em segredo a meu primo Bernard qual resolução que eu tinha tomado, e qual o lugar em que ele poderia ver-me ainda uma vez.

Desde minha entrada como aprendiz, estando mais separado deles via-o menos: todavia, durante algum tempo nós nos reuníamos aos domingos; porém, sem o sentirmos, cada qual tomou hábitos diferentes e nos víamos mais raramente. Estou convencido de que sua mãe muito contribuiu para tal mudança. Ele era um rapaz da alta; eu, miser aprendiz, não passava dum criança de Saint-Gervais. Não mais havia entre nós igualdade, apesar do nascimento; seria negá-lo continuar com minha amizade. Entretanto as relações não cessaram de todo entre nós

e como ele era um rapaz de bom coração, seguia algumas vezes o que este lhe ditava apesar dos conselhos de sua mãe. Sabendo de minha resolução, veio logo, não para dissuadir-me ou partilhá-la, e sim para dar, com pequenos presentes, certa aprovação à minha fuga; porque com meus próprios recursos não poderia ir longe. Entre outras coisas, ele me deu uma pequena espada, de que eu muito gostava e que levei até Turim, onde a necessidade fez com que dela me desfizesse e onde eu a passei, como disseram, através do corpo. Mais tarde, quanto mais refletia no modo pelo qual ele se conduziria comigo naquele momento crítico, mais me convenia de que tinha seguido instruções de sua mãe e talvez de seu pai; pois não é possível que por ele mesmo não tivesse feito qualquer esforço para reter-me, ou que não tivesse ficado tentado a seguir-me: mas nada disso. Encorajou-me em meu designio em vez de fazer-me mudar de idéia: depois, quando me viu bem resolvido, deixou-me sem muitas lágrimas. Nunca nos escrevemos nem tornamos a ver-nos. É pena: era de gênio profundamente bom; fomos feitos para amar-nos.

Antes de entregar-me à fatalidade do meu destino, permitam-me volver os olhos sobre aquele que me esperava naturalmente, se caísse nas mãos dum patrão melhor. Nada seria melhor para meu gênio, nem mais indicado para tornar-me feliz, do que a situação tranqüilla e obscura dum bom artefice, principalmente em certas classes, tal como a dos gravadores em Genebra. Essa situação, muito lucrativa para dar-me subsistência fácil sem ser bastante para levar-me à fortuna, teria limitado minha ambição para o resto da vida; e deixando-me honestamente horas vagas para cultivar meus gostos moderados, ter-me-ia mantido em minha esfera sem oferecer-me nenhum meio de sair dela. Tendo uma imaginação muito rica para com ela enfiar todas as situações com quimeras, muito poderosa para transportar-me, a meu bel-prazer, de uma para outra, pouco me importava qual era a minha situação verdadeira. Não me seria impossível fazer, vivesse como vivesse, os meus castelos no ar, castelos onde passaria a viver. Donde se deduz que a situação mais simples, a que daria o mínimo de embaraços e de cuidados, aquela que me deixaria o espírito mais livre, a que mais me convinha, era precisamente a minha. Tinha passado no seio de minha religião, de minha pátria, de minha família e de meus amigos, uma vida calma e doce, tal como dizia bem com meu gênio, na uniformidade dum trabalho a meu gosto e dum sociedade segundo meus desejos. Teria sido bom cristão, bom cidadão, bom pai de família, bom amigo, bom operário, um homem honrado em tudo. Teria amado minha situação, te-la-ia honrado talvez; e, depois de uma vida obscura e simples, mas igual e doce, teria morrido no meio dos meus. Logo esquecido, sem dúvida, teria sido chorado, pelo menos enquanto se lembrasse de mim.

Em vez disso... que quadro descreverei? Ah! não antecipemos as misérias da vida; com esse triste assunto ocuparei demais os meus leitores.